

#1

• 10ª MOSTRA •

SERVIÇO SOCIAL
DO COMÉRCIO - PARATY

2021

BORDADOS POÉTICOS



#1 2021

10ª MOSTRA BORDADOS POÉTICOS

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - PARATY



SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO NACIONAL

JOSÉ ROBERTO TADROS

DEPARTAMENTO NACIONAL

DIREÇÃO-GERAL

CARLOS ARTEXES SIMÕES

BORDADOS POÉTICOS

EDIÇÃO E REDAÇÃO

ESTEFANIA LIMA

MATÉRIA ESPECIAL

INSTITUTO URDU ME

**PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**

TIAGO ARAUJO

ESTA REVISTA FOI PRODUZIDA
EM PARCERIA COM O
COLETIVO CONFIO.

SUMÁRIO

6

EDITORIAL SESC
UMA LINHA ENTRE O
PASSADO E O FUTURO

8

CARTA DA EDITORA
MULHERES, PALAVRAS
E LINHAS

10

ESPECIAL INSTITUTO URDU
UM NOVELO DE MALHA
DE APANHAR PEIXE



18

PERFIL
UMA SONHADORA QUE FAZ

26

CAPA
RAÍZES - OS FIOS
DO AVESSE

50

TERRITÓRIO
AS BORDADEIRAS
POÉTICAS DE PARATY

60

PROGRAMA DE IMERSÃO
BORDADURAS DO
CONTEMPORÂNEO

72

PROGRAMA DE IMERSÃO
CARTOGRAFIA
DAS EMENDAS



80

**10ª MOSTRA BORDADOS
POÉTICOS 2020: OBRAS**
RAÍZES: TRAMAS
DA CRIAÇÃO



UMA LINHA ENTRE O PASSADO E O FUTURO

N

ÃO POR ACASO, algumas mulheres do povo cigano observam os traçados da palma da mão – com seus olhares e trocas, elas leem a vida e vislumbram futuros.

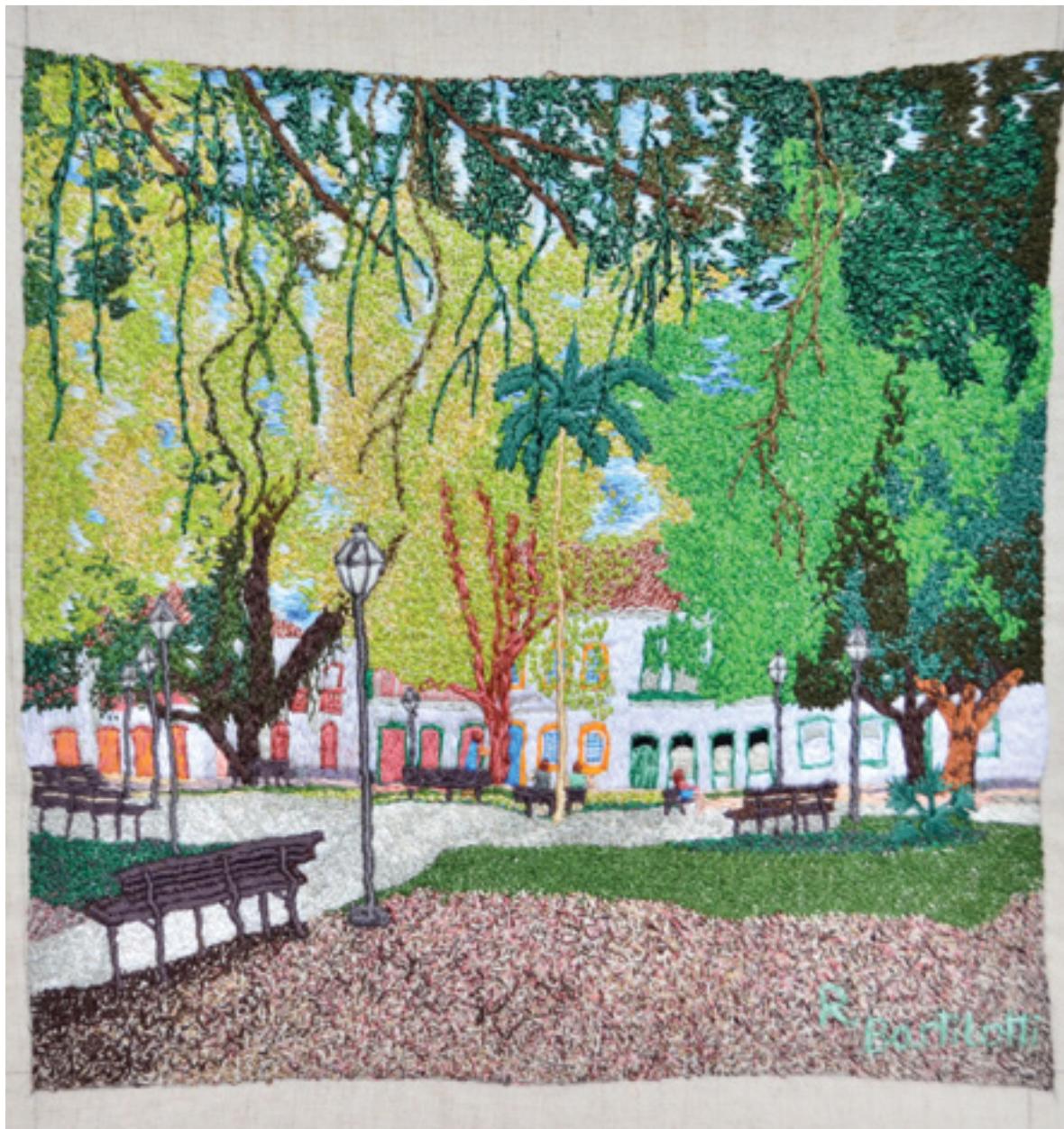
Das diversas maneiras de existir e pensar o mundo, poderíamos esperar por muita coisa, mas dificilmente calcularíamos a tragédia que se anunciou em 2020. Nossas mãos, antes prontas para alcançar quem está ao lado, precisaram conter o toque. Os encontros e abraços foram adiados, enquanto as telas de celulares e computadores expandiram-se diante das nossas vistas. Nesse cenário, nasce a revista Bordados Poéticos, em versão impressa e digital. Esta publicação, edição comemorativa de dez anos da mostra Bordados Poéticos, marca um ponto no futuro e, para isso, invoca memórias e tradições.

O Polo Sociocultural Sesc Paraty é um espaço de trocas, conexões e aprendizados. Nossa proposta é desenvolver

atividades de fruição, experimentação, formação e pesquisa, todas gratuitas e em diálogo com a comunidade. Esse trabalho é realizado com os olhos voltados para os territórios, buscando nos saberes e fazeres a substância para as nossas práticas. Desse enxergar, por meio de ações formativas como cursos e oficinas, surgiu a parceria com as Bordadeiras Poéticas, grupo de mulheres que se reúnem para bordar, cantar, ler e relembrar o passado. Um dos frutos desses encontros foi a exibição desses bordados no Sesc Paraty, em exposições abertas ao público desde 2014.

Com as atividades presenciais adiadas – entre elas, a mostra Bordados Poéticos –, o caminho nos apontou para a busca por outros espaços de tecitura dos encontros. Assim, a revista Bordados Poéticos é uma das formas de levar mais arte até o público por um registro de saberes e tradições. Nas próximas páginas, você poderá se enlaçar em tramas que falam sobre territórios, suas artes e gentes. Pelas linhas dos bordados, vivenciaremos memórias e conheceremos vivências. E, seguindo estes fios de história, torna-se potente lavar um lugar de reencontros e encontros em todos os tempos: o hoje, o amanhã e o ontem. ■

Papa, de Nina Cast, São Paulo-SP. 3º lugar no VII concurso Bordados Poéticos - Simbologia Inconsciente, em 2017.



Praça da Matriz - Área do coreto,
de Regina L. B. Bartilotti, Paraty-
RJ. 1º lugar no IV concurso
Bordados Poéticos, em 2014.

MULHERES, PALAVRAS E LINHAS

E

M UM ANO SEM POSSIBILIDADES de encontro, nada poderia costurar melhor a mostra Bordados Poéticos do que o fio da escrita. Nascido dentro de uma biblioteca, o projeto Bordados Poéticos carrega em seu DNA linhas e letras. A palavra é parte integrante das raízes, conexões, heranças e origens dessa iniciativa que, em 2020, completou dez anos.

Evento único no país, a mostra reúne o melhor da prática artesanal em consonância com as bordaduras contemporâneas, sempre alinhavadas pelo coletivo. Desde 2011, os Bordados Poéticos ocupam Paraty por meio da poesia das mãos de bordadeiras da cidade, artistas, artesãs e artesãos, entusiastas, pesquisadoras e pesquisadores. Movidas pela força e potência de Nina Silva e Ariane Aguiar e, posteriormente, pela sensibilidade e nitidez de Mariana Guimarães, essas pessoas, em conjunto com o Sesc, vêm transformando Paraty na cidade do fio.

Como cofundadora do Instituto Urdume e editora da revista com o mesmo nome, única publicação dedicada exclusivamente à pesquisa e à disseminação das artes manuais têxteis no Brasil, sinto-me honrada por ter sido designada a organizar e contar as histórias que compõem os Bordados Poéticos neste formato de publicação. A revista, ao contrário do livro, carrega consigo o frescor das histórias que ainda não chegaram ao fim.

Nas páginas a seguir, você encontrará textos de natureza radicular. Não à toa, esse foi o tema de 2020. Embora, para fins de sistematização, tenhamos dividido a história dos Bordados Poéticos em matérias, durante a leitura será impossível não perceber o fio que une todas elas. Com exceção do texto feito pelo Instituto Urdume sobre a relação do têxtil com o texto, artigo que busca homenagear a ancestralidade comum entre a escrita, a mulher e o fio.

É também reverenciando esse trio, cabos de um único fio, os Bordados Poéticos, que desejo a você uma boa leitura. Que a fibra dessas mulheres, palavras e linhas, raiz de toda narrativa, possam lhe tocar, como fizeram a mim. ■

ESTEFANIA LIMA



UM
NOVELO
DE
MALHA
DE
APANHAR
PEIXE

Texto produzido pelo Instituto Urdume em homenagem às mulheres, suas criações e seus fios.



MULHERES FORAM E SÃO SILENCIADAS em culturas diversas. E na história ocidental não foi diferente. Não porque não tenham sido representadas, idealizadas ou imaginadas, mas porque suas narrativas não são ouvidas. No Brasil, esta herança – somada a uma colonização escravista – deu às mulheres, em especial às mulheres negras, um papel tão fundamental quanto invisibilizado. Excluídas do debate público e apartadas da política, sustentaram o país por meio das atividades de cuidado e usaram suas mãos para construir mudanças, dando forma às suas subjetividades.

Segundo a antropóloga Carla Cristina Garcia,¹ campos da criatividade humana, como a culinária ou as artes manuais têxteis, ficaram por muito tempo ocultos atrás das cortinas do espaço privado. Res-

¹Manesco, L. *Para além de Penélope: a tessitura mítica e intertextual em contos da literatura brasileira*, USP, 2017.

tritas ao ambiente doméstico, de suas próprias casas ou de onde foram escravizadas ou empregadas, muitas mulheres passaram seus dias trabalhando em “atividades criativas classificadas como inferiores por preconceito sexual, racial ou social”.

Atividades essas de cunho laboral e, portanto, que demarcaram a produtividade em três aspectos: fazeres sem duração – em ciclo permanente –, sem relevância histórica e tida como um fenômeno natural, intrínseco ao feminino.

Como afirma Ana Maria Machado em seu texto “O Tao da teia – sobre textos e têxteis”, esse cenário até poderia fazer com que os homens não pudessem negar sua dependência da produtividade feminina, mas marcava sua separação das mulheres, cujos afazeres ficavam restritos aos cuidados domésticos. Conforme a escritora, “a circulação da matéria têxtil criada por mulheres era incentivada, mas a circulação do texto e da palavra da mulher encontrava todos os obstáculos”.

No entanto, se por um lado, a produção têxtil privada foi excludente, por muito tempo ela foi também sinônimo de comunidade e narrativa. Desde a Pré-História, mulheres reuniam-se para tecer e, ao mesmo tempo, significar sua própria cultura, traduzida inicialmente por linguagem e vestimenta.

Uma referência dessa ligação ancestral entre o fio da vida e do têxtil, que tece tramas suficientes para sustentar as histórias de um povo, está descrita em uma antiga fábula de Gana, no conto africano de Kwaku Ananse, também conhecido como Anansi, que conta a trajetória de um lugar que vivia sem passado por não ter histórias registradas. Acreditando ser insuportável viver em um mundo sem

enredos, Anansi, o homem-aranha, teceu uma extensa teia de prata a fim de chegar ao dono do céu, Nyame, que possuía essas histórias, e o propósito era libertá-las para o povo, que, assim, poderia construir e contar suas próprias narrativas. Além da cultura de países africanos que valorizam a arte de contar histórias, o filósofo alemão Walter Benjamin afirma em seu ensaio, “O narrador”, que a narrativa estava morrendo justamente porque já não se fiava mais, não se tecia, assim como Platão e algumas mitologias gregas também já seguiram por esses caminhos.

O AR CIRCULA ENTRE OS FIOS COMO O SILÊNCIO ENTRE AS PALAVRAS

Este título, que é uma frase cunhada pela mestra em Teoria Literária e Literatura Comparada, Lara Maria Manesco,² mostra como os mitos gregos das fiandeiras podem ser metáforas de um discurso feminino em substituição ao seu silenciamento. Na Grécia, a mulher e a tecelagem se confundiam, portanto, desde então. Como diz Lara, “a iconografia e a literatura deixam visível o vínculo inseparável do feminino e da tecelagem. A história das mulheres é a história do modo como tomam a palavra”.

E Lara ainda vai além: afirma que os mitos e os contos modernos que se utilizam da mesma narrativa que os antigos – como A moça tecelã, de Marina Colasanti – articulam-se “em forma de teia para criar uma cadeia de vínculos mútuos e não hierárquicos”. Ou seja, um diálogo de narrativas formado pelos entrecruzamentos de fios e enredos, circularidade e oscilação entre vazios e preenchimentos.

A teórica destaca também a ideia do tecer como sinônimo de criação. “O fuso,

ao transformar matéria vegetal ou animal em tecido, resgata a transformação do pensamento amorfo em palavra, bordada linha a linha no papel.”

Em seu livro “Casaco de Marx”,³ o professor de literatura Peter Stallybrass reconstrói o valor monetário que o têxtil tinha até o início da Revolução Industrial. “O valor altíssimo dos têxteis, que durou até o início da manufatura de algodão barato, explica o zelo extraordinário com o qual eles eram listados no testamento do início do período moderno.” As roupas eram conservadas, os corpos que as habitavam é que mudavam.

Do valor monetário atribuído ao têxtil derivaram-se palavras como “fazenda”, com o sentido aproximado de tecido e relativa a um conjunto de bens, e “renda” e “rendimento”, ligadas aos preciosos trabalhos feitos com fios finos pelas mãos das mulheres, como a renda e o bordado. No entanto, como é sabido, dificilmente esse valor era retornado para quem o produzia.

Ainda assim, mesmo marginalizados, os fazeres têxteis manuais nunca perderam sua potência narrativa e transformadora. Muitas mulheres, sem possibilidade de discurso, contaram suas histórias e garantiram seu sustento pelas linhas. Esse é o caso da artista Harriet Powers, mulher afro-americana da região rural da Geórgia, que foi escravizada e usava a técnica de emenda de retalhos para registrar lendas locais, cenas cotidianas da escravidão, sonhos de liberdade e histórias bíblicas, criando, assim, simbolismo e iconografia únicos.

ANCESTRALIDADE: A COSTURA E A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA

No Brasil não foi diferente. O ato de costurar era uma atividade comum às mulheres

²Manesco, L. *Para além de Penélope: a tessitura mítica e intertextual em contos da literatura brasileira*, USP, 2017.

³Stallybrass, P. *O Casaco de Marx: Roupas, Memória, Dor*. Editora Autêntica, 2004.

durante todo o século XIX, aprendizado que fazia parte da educação das meninas desde a infância. Porém, enquanto entre as famílias mais abastadas a prática têxtil era um hobby, nas menos privilegiadas, as mães precisavam dominar esse conhecimento e se desdobrar para conseguir dar conta de um sem-número de remendos, recosturas e transformações em suas próprias casas ou trabalhando como costureiras para outras famílias.

A figura da costureira era frequente nas casas da elite brasileira, ao lado de outros empregados. Responsável por costurar, lavar e cuidar das roupas da família, a costureira, geralmente, era uma pessoa escravizada doméstica. Essa herança perpetuou-se no decorrer do século XX, em que mulheres negras eram consideradas predestinadas a determinadas profissões, especialmente as que envolviam o trabalho doméstico ou o cuidado com as crianças.

Contudo, pensar em costura, bordados e trabalhos com fios e agulhas, também é falar sobre uma forma de comunicação. Enquanto na imagem da costureira o movimento da agulha e da linha perpassa o tecido, na da escritora são a caneta e a folha que fazem esse papel.

“Texto” vem do latim *textum*, que significa tecido, entrelaçamento. É, então, o resultado de uma combinação perfeita de uma espécie de fios, no caso, as orações, e o resultado - a costura - o texto propriamente dito. A inevitável conexão entre os fazeres manuais da escrita e das agulhas está presente não somente no conceito teórico, mas também na história de muitas famílias, cujas mães e avós costureiras e bordadeiras transmitem para as descendentes a liberdade de criar textos.

Esse é o enredo de vida de muitas mulheres que hoje escrevem graças a um caminho previamente trilhado por quem veio antes delas. O movimento de pinça com a ponta dos dedos serve ora para segurar a agulha, ora para empunhar a caneta e, assim, entrelaçar palavras para criar narrativas textuais. Tais histórias narradas, que são decodificadas por meio da junção de letras, outrora eram contadas oralmente enquanto se fiava ou tecia, como lembra Walter Benjamin: “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo de trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira, que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje em todas as pontas, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (...). A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão - no campo, no mar e na cidade - é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação”.

Assim, ouvir as mães cantarem enquanto teciam, conviver em espaços de costura ou brincar com pedaços de tecido - e ter aí um primeiro contato com as narrativas têxteis - serviu como propulsor para muitas escritoras e escritores negros da atualidade terem a oportunidade de se expressar por meio das palavras impressas.

SUELI CARNEIRO

A mais velha dos sete filhos de uma

costureira, Sueli Carneiro (1950) é referência na construção do pensamento feminista negro no Brasil e na militância de raça e gênero. A compreensão sobre a desigualdade e sobre as diferenças de oportunidades, ela teve, ainda pequena, quando entrou na escola - espaço que costuma ser o primeiro onde o racismo fica explícito e se apresenta de forma mais estruturada. Uma das versões de Sueli, então, que foi a da criança ferida, se transformou em muitas versões de Sueli como mulher adulta. Uma delas é a mulher politizada, que encara a militância antirracista como um ideal.

Também com esse propósito em mente, Sueli virou escritora, filósofa, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e atua nos movimentos feministas e nos movimento negros no Brasil e pelo mundo afora. Além de ser uma figura importante para a implantação do sistema de cotas nas universidades brasileiras, Sueli é fundadora e diretora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo, que, por meio do Portal Geledés, expressa publicamente as ações feitas pela organização.

LENA MARTINS

A filósofa e ativista, que é mãe de Luanda, sabe da importância da continuidade dos movimentos para melhorar a realidade de vida de muitas pessoas, por isso também é generosa ao compartilhar o conhecimento com as mulheres mais jovens.

Lena Martins (1950), a criadora das bonecas Abayomi, também teve a mãe como inspiração, que era costureira em uma confecção em São Luiz (MA), onde nasceu. O galpão em que ficavam as má-

DESDE A PRÉ- HISTÓRIA, MULHERES REUNIAM-SE PARA TECER E, AO MESMO TEMPO, SIGNIFICAR SUA PRÓPRIA CULTURA, TRADUZIDA INICIALMENTE POR LINGUAGEM E VESTIMENTA.

MESMO MARGINALIZADOS, OS FAZERES TÊXTEIS MANUAIS NUNCA PERDERAM SUA POTÊNCIA NARRATIVA E TRANSFORMADORA. MUITAS MULHERES, SEM POSSIBILIDADE DE DISCURSO, CONTARAM SUAS HISTÓRIAS E GARANTIRAM SEU SUSTENTO ATRAVÉS DA LINHA.

quinas de costura foi o universo onde Lena viveu até os 8 anos, quando usava as sobras de tecido para brincar. Essa vivência acabou influenciando seu caminho como artesã, mais precisamente desenvolvendo as bonecas de tecido negro, feitas sem cola, sem costura e sem estrutura interna – utilizando apenas nós, dobraduras e cortes.

Mesmo criadas por Lena na década de 1980, existem muitas versões falsas sobre o surgimento das bonecas Abayomi. A mais famosa afirma que as mães a faziam para os seus filhos nos navios negreiros, utilizando retalhos de roupas. Essa distorção histórica revela a tentativa de não reconhecer a história e a cultura negra como parte integrante da cultura brasileira.

Além de ativista e artesã, Lena também enveredou pelo campo literário, em que deixou fluir a sua vertente escritora. O livro infantil *Vida que voa*, lançado em 2011, conta sobre as sabedorias compartilhadas entre avó e neta e é ilustrado com as bonecas Abayomi.

ABDIAS NASCIMENTO

As questões envolvendo a mulher negra e a luta antirracista foram compreendidas desde cedo por Abdias Nascimento (1914-2011), nascido em Franca, interior de São Paulo. A mãe, costureira e cozinheira, também era contratada como ama de leite por famílias abastadas, imagem que impactou fortemente a vida do filho. E essa vivência, assim como outras, o fez desejar a libertação da população negra.

Formado em Economia, Abdias foi um intelectual que mesclou a carreira artística, acadêmica e política – destacou-se como escritor, poeta, dramaturgo, ator, pintor, ensaísta, teórico, professor

e político. Mesmo com vasta obra, seu nome ainda não estampa a lista de referências na academia brasileira justamente porque seus pensamentos abordam questões essenciais para a plena cidadania do povo negro e, em muitos ambientes, ainda se trata de um assunto que não interessa ser tocado.

A capacidade de atuar em diversas frentes é resultado, em parte, de sua formação, que conta com a participação ativa em movimentos sociais, e em parte pelo que carrega dos ensinamentos familiares, que lhe deram força e autoconfiança para não baixar a cabeça diante de uma sociedade racista. A mãe ensinou a ele e aos seis irmãos a lutar contra as injustiças, e ela mesma era o exemplo. Lutava e resistia diante das dificuldades da vida, lição que deixou como legado para os filhos.

A família, que era muito pobre, sofreu na pele os resquícios da escravidão, extinta, legalmente, em 1888. Porém, como não veio seguida de políticas públicas para a colocação de pessoas negras no mercado de trabalho, deixou muitas sem expectativas. A própria avó de Abdias foi escravizada. A mãe, quando percorria as fazendas em busca de trabalho, encontrava muitas pessoas que haviam sido escravizadas. E esses fatos o marcaram profundamente. A memória de Abdias, assim como acontece ainda hoje com a população negra, representa um grande esforço para solucionar uma série de dificuldades.

Entrelaçada ao manual e à realidade, a criação literária traz à tona uma forma de expressão criada pelas mulheres e compartilhada com todos aqueles que foram subvalorizados ou oprimidos. Um conhecimento da experiência, que põe em xeque o poder racional, teórico e pa-

triarcal do eurocentrismo ocidental. Por isso, narrar e escrever, jogando luz sobre a composição de fios, gestos e letras que tramam a vida, é resgatar raízes e dar voz aos antepassados que não foram valorizados em seus fazeres.

Reconhecer a linha da narrativa que atravessa o corpo é, como descreve a personagem Belonísia, do livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, desenrolar as ideias na cabeça como um novelo de malha de apanhar peixe. “Quando sento quieta pra costurar uma roupa velha ou levanto a enxada para devolvê-la de novo no chão, (...) é que esse fio, que tem sido meu pensamento, vai se fazendo trama.” ■

REFERÊNCIAS:

Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920)
<https://www.redalyc.org/jatsRepo/381/38159160008/html/index.html>.

Sueli Carneiro: filósofa, educadora e porta-voz de uma geração
<https://almapreta.com/editorias/o-quilombo/sueli-carneiro-filosofo-educadora-e-porta-voz-de-uma-geracao>.

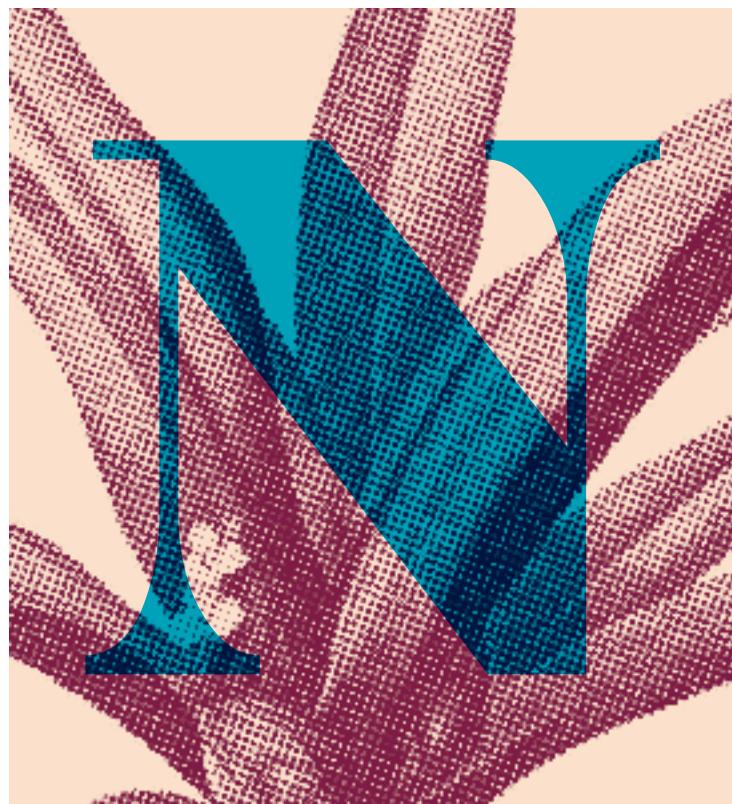
O pensamento de Abdias Nascimento e a luta contra o racismo
<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/o-pensamento-de-abdias-nascimento-e-luta-contra-o-racismo-1>.

NINA SILVA



Essa é a forma como a maioria das pessoas
descreve Nina Silva, educadora e idealizadora
do projeto **Bordados Poéticos**

UMIA SONHIAADORA QUE FAZ



ATURAL DO PARANÁ e filha de pais sem acesso à educação formal, a educadora mudou-se para Paraty em 1989 – com o ex-marido e a filha ainda pequena – e a única de cinco irmãos com ensino superior. Desde então, adotou a cidade como sua, vivendo a cultura local, além de atuar por meio da arte e da educação nas atividades que desempenha dentro e fora da Secretaria Municipal de Educação, onde trabalha há quase 30 anos.

“Paraty me basta”, diz Nina, quando questionada sobre sua relação com o local onde mora. Para ela, Paraty tem silêncio e agitação na medida certa. Parte desse movimento, quem faz é a própria, já que promove ações na cidade desde que passou no concurso para atuar no município. “Comecei a trabalhar em um lugar distante, tinha que subir o Morro do Deus me Livre a pé. Deixava minha filha com o pai e ia porque era a minha chance de começar a fazer algo na cidade. Eu nunca digo não. Fiquei lá cinco anos, até que o secretário me trouxe para a equipe da educação”, conta.

Entre 2000 e 2001, infelizmente, precisava andar diariamente 15 quilômetros a pé para dar aula na escola em que lecionava. Nesse mesmo período conseguiu patrocínio de uma padaria para fornecer lanches aos alunos e propôs uma oficina de artesanato com folhas de bananeira que teve tanta repercussão, que a escola ficou conhecida como “a escola da banana”. Entre salas de aula e cargos de gestão, Nina deixa sua marca.

Em 2002, passou a dar aulas na escola costeira João Apolônio dos Santos Pádua, em Ponta Grossa (Paraty), para onde ia todo dia de barco. Em 2003, encarou o desafio de, pela primeira vez, ser professora de alunos de 5ª e 6ª série, lecionando Re-



dação. Para trabalhar os diferentes tipos de texto, criou um projeto musical que tinha como propósito conseguir amarrar os conteúdos.

Quando foi a vez da aula sobre música clássica, ao comparar a partitura às letras do alfabeto, escutou de um aluno que ele iria faltar, pois não queria ouvir a música considerada chata. Porém, o estudante não somente foi à aula, como ficou emocionado. “Professora, a senhora me fez pagar esse mico de ficar chorando”, conta Nina ao lembrar da fala do menino. Neste mesmo projeto, os alunos gravaram um CD de música eletrônica, contando com ajuda de artistas locais e, quando trabalharam com a linguagem jornalística, lançaram um jornal sobre música, cuja impressão foi patrocinada por um morador da cidade.

Profundamente interessada na área cultural e atenta ao que pode causar, na prática, boa recepção entre os alunos, em 2014, Nina criou a Flec (Festa Literária Escolar do CIEP) e trabalhou nela como coordenadora pedagógica. A ideia foi que a iniciativa ocorresse em paralelo à Flip (Festa Literária Internacional de Paraty). “Nina tem um lado pedagógico sensacional, ela sempre enxerga uma oportunidade de criar projetos que se relacionem com a cidade”, recorda-se o artista Marcus Figueiredo, colaborador e entusiasta do projeto Bordados Poéticos desde sua primeira edição. Naquele ano, além da Flec, a educadora desenvolveu o projeto chamado A gente não quer só comida, evento gastronômico que envolveu os restaurantes da cidade, cada um representando a culinária de um país. A proposta motivou os alunos a conhecerem culturas diversas por meio de seus hábitos alimentares.

ENTRE SALAS DE AULA E CARGOS DE GESTÃO, NINA SEMPRE DEIXOU SUA MARCA.

No entanto, uma de suas atuações de maior destaque na região aconteceu quando foi diretora da Escola Municipal José Carlos Porto, no bairro do Taquari, região rural de Paraty. Durante os cinco anos que esteve à frente da instituição, Nina ficou conhecida por promover uma gestão horizontal com pais e alunos, aproximar a comunidade escolar e desenvolver ações culturais e educacionais de destaque para a comunidade do entorno. Para a escola, ela levou a Flec, agora Flet (Festa Literária da Escola do Taquari), em paralelo à Flip também, e recebeu um flautista da Orquestra Sinfônica de São Paulo, que esteve lá e, impressionado com o interesse dos alunos em aprender, doou 40 flautas artesanais, feitas por ele mesmo, para que uma mãe pudesse ministrar aulas na escola.

Pela excelência de sua gestão como diretora da escola, Nina foi reconhecida com o título de Cidadão Qualidade 2009 de Pa-

Nina ficou conhecida por promover uma gestão horizontal com pais e alunos, aproximar a comunidade e propor ações culturais.

GINIVA



Foto: Nina Silva



PROFUNDAMENTE INTERESSADA NA ÁREA CULTURAL, E OBSERVANDO NA PRÁTICA A BOA RECEPÇÃO DOS ALUNOS, EM 2014, NINA CRIOU A FLEC - FESTA LITERÁRIA ESCOLAR DO CIEP.

Nina transformou a Biblioteca Moura Brasil em um lugar de experimentação de diferentes linguagens artísticas.

raty. Mesmo ano em que deixou o cargo e passou a coordenar a biblioteca da Escola Estadual Cembra. Seguindo seu perfil realizador, a educadora transformou a Biblioteca Moura Brasil em um lugar ainda mais atrativo e capaz de comunicar por meio de diferentes linguagens, o que levou ao cotidiano do espaço diferentes projetos e oficinas que associavam a leitura às mais diversas manifestações e linguagens artísticas. Lá ela também promoveu o Comic Fest – festival de quadrinhos com direito a concurso de cosplay – e, pela iniciativa, foi convidada a participar de um evento brasileiro de cultura pop, o Comic Con Experience, em São Paulo. Naquela biblioteca surgiria também a paixão de Nina pelo bordado, um novo capítulo em sua vida e na história de Paraty.

E os dotes de Nina não param por aí. A educadora gosta também de fazer hai-

cai, gênero de poesia de três versos que precisa atingir uma ou mais características do haikai japonês, e já teve um de seus poemas publicado no livro *Novos Haicais Brasileiros* – antologia literária. Atualmente, Nina coordena o grupo *Bordados Poéticos* de Paraty e integra o Coletivo *ConFio*, com quem correaliza, com o Sesc de Paraty, a mostra anual *Bordados Poéticos*. Para Daniel Ferenczi, gestor do Sesc Paraty, sua postura provocadora, de querer algo a mais, vai ao encontro do caráter e do polo cultural do Sesc na cidade. “Esta unidade é justamente um espaço para experimentações. As ideias mirabolantes da Nina, coisas que em um primeiro momento estremecem, mas que de fato se concretizam, são um dos motivos do Sesc ter abraçado essa potencialidade inovadora que são os *Bordados Poéticos*”, finaliza. ■

BRASILS

OS FIOS DO AVESSO

A mostra **Bordados Poéticos de Paraty** completa dez anos e celebra seu amadurecimento superando os desafios de um ano atípico



DIFERENTE DE TODOS os outros anos, Nina Silva terminou a 9ª mostra Bordados Poéticos sentindo-se vazia. Apesar do sucesso do evento, que consolidou a parceria entre o Coletivo ConFio e o Sesc Paraty, uma angústia lhe acometia. Pela primeira vez em nove anos, a educadora não sabia que tema de reflexão propor ao ano seguinte.

Embora 2020 fosse um ano de celebração, quando o projeto completaria dez anos de vida, nada do que suas companheiras de coletivo, Ariane Aguiar e Mariana Guimarães, lhe sugeriam, parecia satisfazê-la. O tema para a 10ª edição da mostra só seria definido meses depois, quando lhe veio à cabeça a ideia “Raízes: Tramas da Criação”, por conta do enraizamento alcançado pela iniciativa no decorrer dos anos.

Nina ainda não sabia, mas em 2020 uma pandemia chamaria todos a serem plantas. Um vírus se espalharia pelo mundo e convidaria as pessoas a habitarem outro tempo, em solo fixo. Para atravessar este ano, seria necessário ser como as raízes e dar a si mesmo corpos tentaculares. Fios fortes, porém maleáveis, capazes de encontrar novos caminhos em meio às pedras. Assim aconteceu.

A RAIZ DESCE AO SOLO, ENQUANTO O GERME VAI AO ENCONTRO DO SOL

Em 2011, Nina era a responsável pela biblioteca da Escola Estadual Cembra, em Paraty, e, como de costume em toda a sua trajetória na educação, buscava formas de engajar os estudantes. Imbuída desse espírito, criou o projeto Comunicação e Linguagem e, com os alunos, escolheu diferentes técnicas para expressar as variadas formas de comunicação. O bordado foi utilizado para representar a narrativa

NINA AINDA
NÃO SABIA,
MAS, EM 2020,
UMA PANDEMIA
CHAMARIA TODOS
A SEREM PLANTA.
UM VÍRUS SE
ESPALHARIA
PELO MUNDO
E CONVIDARIA
AS PESSOAS A
HABITAREM
UM OUTRO TEMPO,
EM SOLO FIXO.

O BORDADO FOI
UTILIZADO PARA
REPRESENTAR A
NARRATIVA ORAL
E, DE TODAS
AS LINGUAGENS
UTILIZADAS NO
PROJETO, FOI,
SEM DÚVIDA,
SUA PREFERIDA.

oral e, de todas as linguagens utilizadas no projeto, foi, sem dúvida, sua preferida.

Semanas mais tarde, olhando para o painel resultante da ação – que então decorava a parede da biblioteca –, sentiu por não existirem ali mais livros com ilustrações bordadas. Embora não soubesse bordar, decidiu, naquele momento, que daria um jeito de produzir uma série de livros artesanais para o local. À noite, deitada em sua cama, teve um “surto pedagógico” – nome que dá a seu momento de epifania. Questionou-se onde estariam as bordadeiras de Paraty. Para encontrá-las, resolveu promover um concurso.

Determinada, antes mesmo de ter o projeto escrito, Nina já conseguiu patrocínio para a premiação do evento. “Sou como um touro, tenho uma ideia e já saio fazendo”, diz. E até hoje se emociona ao recordar da generosidade de Maria Inês, proprietária do armazinho Casa Costa, em Paraty, que patrocinou integralmente a premiação da primeira edição do concurso, e de Marcos Honório de Souza, conhecido como Marquinho Vidraceiro, que emprestou todas as molduras para a exposição das obras. “Eles foram as primeiras pessoas a acreditarem no projeto”, ressalta.



Foi o início de tudo. Com o apoio de sua filha e da bordadeira Maria Lenise do Espírito Santo, o regulamento ficou pronto em poucos dias e a novidade começava a se espalhar pela cidade. Muitas pessoas se interessaram, mas a exigência de bordar no mínimo cinco páginas para ilustrar os textos de poetas paratienses, que comporiam o acervo de livros da biblioteca, desanimou parte delas. “A primeira edição foi sem dúvida a mais difícil. Eu não tinha muita noção do trabalho que dava. Tive sorte por alguém se interessar”, lembra, rindo.

Na verdade, a certeza de que o concurso se realizaria só aconteceu no último dia da entrega dos trabalhos. Já era tarde da noite quando Nina recebeu o nono bordado, número mínimo, segundo o regulamento, para que o concurso fosse validado. Nascia ali o concurso Bordados Poéticos, cujas obras foram expostas, ainda em 2011, na Casa de Cultura de Paraty, como um desdobramento do projeto Comunicação e Linguagem da biblioteca do Cembra.

O concurso continuaria nos anos seguintes e passaria apenas por algumas modificações. Em 2012, o tema mudou. Naquele ano, cada um dos dez inscritos

◆ **LINHA DO TEMPO**

BORDADOS POÉTICOS

IDEALIZADORA DO BORDADOS POÉTICOS

Nina Silva

COLETIVO CONFIO

Composto por Ariane Aguiar, Mariana Guimarães e Nina Silva, é responsável pela correalização da mostra Bordados Poéticos junto ao Sesc.

COLETIVO CANOAS

O coletivo durou pouco, mas correalizou as mostras de 2013 e 2014 dos Bordados Poéticos.

BORDADEIRAS POÉTICAS

grupo de mulheres bordadeiras de Paraty, criado em 2013, e coordenado por Nina Silva.

recebeu uma cantiga popular para ilustrar com suas linhas. Já em 2013, o tema seria os artistas de Paraty. A vencedora da edição foi Marina Gouvêia do Nascimento, que viria ainda a receber também o primeiro lugar em 2014 e em 2015.

Pela primeira vez em correalização com o Sesc Paraty, em 2014 aconteceu a quarta edição do projeto, que é contemplado também por um edital de cultura do Estado. Na época, Nina Silva e o Coletivo Canoas promoveram duas exposições nesta ocasião: Entre Linhas e Letras, na Casa de Cultura, e o IV Concurso Bordados Poéticos, no casarão do Sesc, ambas no centro histórico de Paraty.

No ano seguinte, o concurso volta para a Casa de Cultura e, dessa vez, homenageia as aquarelas de Margaret Mee, artista inglesa que morou no Rio de Janeiro e dedicou a maior parte de suas obras à ilustração botânica. Em sua sexta edição, em 2016, o projeto passa a ser realizado definitivamente em parceria com o Sesc. A exposição é marcada pela homenagem à arte naif – e aos artistas paratienses Júlio Paraty, João José e Themilton Tavares.

Os Bordados Poéticos têm seu último ano como concurso em 2017 e apresen-

PELA PRIMEIRA
VEZ EM
CORREALIZAÇÃO
COM O SESC
PARATY, EM 2014
FOI REALIZADA A
QUARTA EDIÇÃO
DO PROJETO.



1ª EDIÇÃO 2011

LOCAL: CASA DA CULTURA

10 OBRAS EXPOSTAS

Em 2011, Nina Silva é a responsável pela biblioteca do colégio CEMBRA e realiza o projeto Comunicação e Linguagem. Nesse trabalho, uma das ações consiste em um concurso de bordados tendo como tema textos de poetas de Paraty. Em referência ao tema, o concurso recebe o nome de **Bordados Poéticos de Paraty**.



EM 2018, O BORDADOS
POÉTICOS PASSA A SER
COMPOSTO POR UMA
MOSTRA DE TRABALHOS
DE TODO O PAÍS E UM
PROGRAMA DE IMERSÕES.

tam uma mostra com obras inspiradas na simbologia do tarô. Naquele ano, Mariana Guimarães expõe como artista convidada, apresentando seu trabalho Livro erótico do bordado, no qual tece considerações sobre a dimensão violenta do ato de bordar. A sinergia deste encontro gera a criação do Coletivo ConFio, formado por Mariana, Nina e sua filha, Ariane Aguiar.

No ano de 2018, uma nova fase se inicia no projeto. Os Bordados Poéticos tornam-se mais robustos, compostos por uma mostra de trabalhos bordados em todo o país e um programa de imersões que busca criar pontes entre coletivos, o fio e a arte contemporânea. Esta edição intitula-se “Fio-percurso” e assume o caráter reflexivo na produção dos bordados e de proposição teórica, materializado em uma mesa de debate sobre “o bordado como mediador de práticas de cuidado e construção de si”.

Por último, em 2019, o tema “Asas, fios e sonhos: para onde me levam?” conduziu as ações daquele ano aos céus. Mostras, oficinas, performances artísticas e um seminário fincaram definitivamente as raízes do bordado naquele território. De forma até então inédita, a iniciativa

2ª EDIÇÃO 2012

LOCAL: CASA DA CULTURA

10 OBRAS EXPOSTAS

Ainda na biblioteca do CEMBRA, Nina promove o segundo concurso Bordados Poéticos, com o tema **cantigas populares**. A vencedora desse ano, Marina Gouveia do Nascimento, voltou a receber o prêmio em mais duas edições, 2013 e 2015.

A INICIATIVA REUNIU
ARTISTAS, TEÓRICOS,
COLETIVOS
E INTERESSADOS NO
SABER DOS FIOS
PARA DIALOGAR
E EXPERIMENTAR
MÚLTIPLAS
FORMAS DO TECER.

reuniu artistas, teóricos, coletivos e interessados no saber dos fios para dialogar e experimentar múltiplas formas do tecer.

A RAIZ TRADUZ A VERDADE DO SOLO

O biólogo Charles Darwin uma vez escreveu que não era exagero dizer que as pontas das raízes agem como um cérebro nas plantas. Elas são as responsáveis por perceber, desde a terra, aquilo que acontece no entorno do vegetal. Já para o filósofo Emanuele Coccia, as raízes fazem do solo seu mundo de comunicação espiritual. É graças a elas que a parte mais sólida da terra se transforma num imenso cérebro planetário, tornando-as, embora âncoras, extremamente conectadas e plurais.

Da mesma forma acontece com os Bordados Poéticos – um projeto nutrido por seu território, mas que dialoga com diferentes tempos, tradições e espaços. Paraty, onde estão fincadas as raízes da mostra, está localizada na Costa Verde do Rio de Janeiro, entre as duas maiores capitais do país. Cercada por áreas de preservação, é berço da Mata Atlântica, um dos biomas mais ricos em biodiversidade da Terra. E a riqueza ambiental também se reflete na cultura e na diversidade da



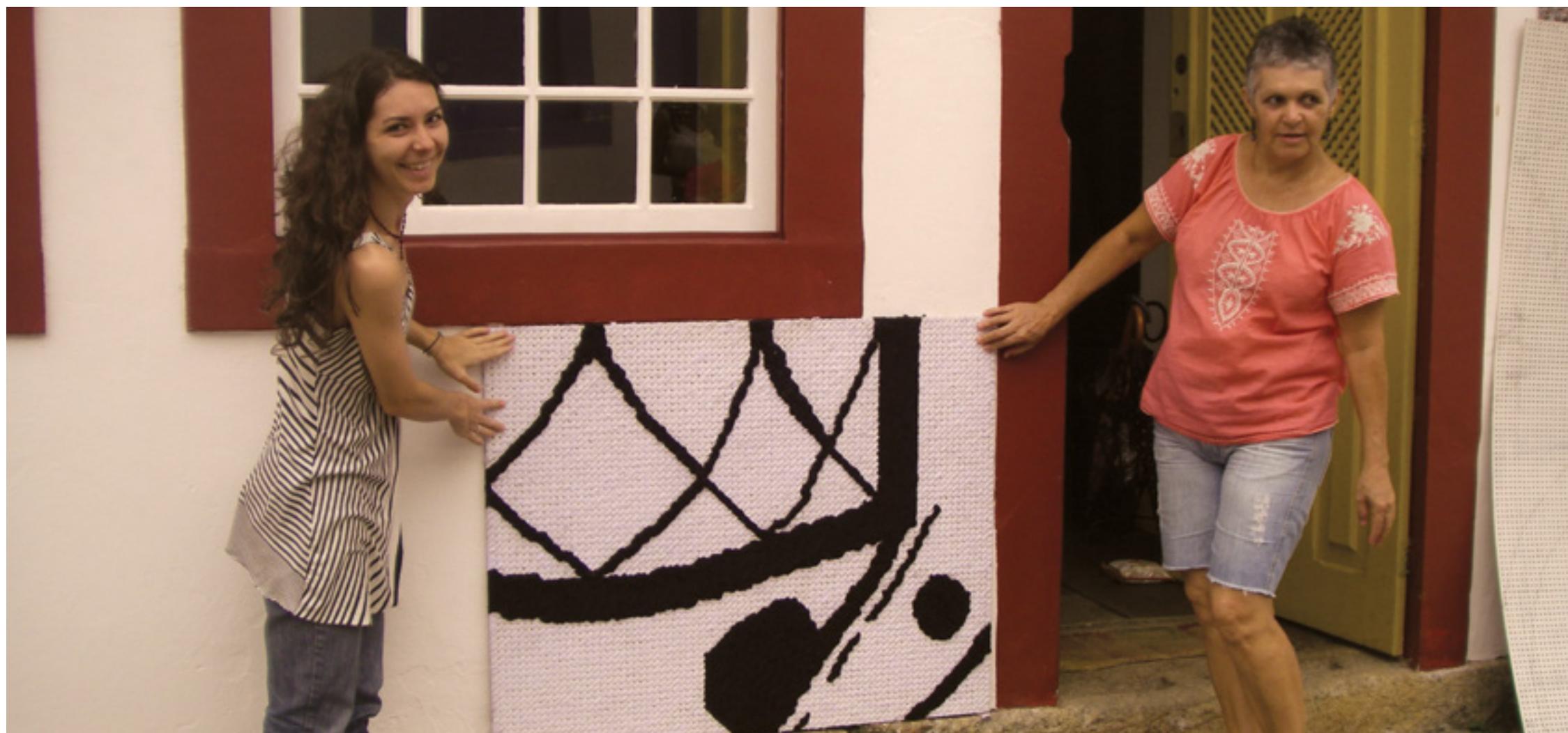
3ª EDIÇÃO 2013

LOCAL: CASA DA CULTURA

29 OBRAS EXPOSTAS

Já fora da coordenação da Biblioteca, mas com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, Nina Silva promove a terceira edição do concurso, desta vez com o tema **Artistas de Paraty**. No mesmo ano, após uma convocatória para encontrar as bordadeiras da cidade e um primeiro encontro no Morro do Forte, nasce o grupo das Bordadeiras Poéticas de Paraty.

BORDADOS
POÉTICOS: UM
PROJETO NUTRIDO
POR SEU
TERRITÓRIO, MAS
QUE DIALOGA COM
DIFERENTES
TEMPOS, TRADIÇÕES
E ESPAÇOS.



4ª EDIÇÃO 2014

LOCAL: SESC

21 OBRAS EXPOSTAS

Em 2014 é criado o Coletivo Canoas e o concurso é correalizado pela primeira vez com o Sesc Paraty. O tema do ano é **Paraty e seus lugares, a memória afetiva da cidade resgatada através de fotografias do Fotoclube Paraty**. Paralelamente, são realizadas oficinas com Matizes Dumont, José Andreas e uma oficina de bordados para crianças com as Bordadeiras Poéticas.

As Bordadeiras Poéticas de Paraty fazem a sua primeira intervenção artística durante a exposição, bordando a fachada do Sesc com placas de eucatex e tecidos de reuso. O grupo é contemplado ainda com um edital de Cultura do Estado e realiza a exposição entre Linhas e Letras, realizada na Casa da Cultura.

EM 2016, O
CONCURSO
HOMENAGEOU
OS ARTISTAS
PARATIENSES
JÚLIO PARATY,
JOÃO JOSÉ E
THEMILTON
TAVARES.



5ª EDIÇÃO 2015

LOCAL: CASA DA CULTURA

29 OBRAS EXPOSTAS

O tema da mostra da quinta edição do concurso é Margaret Mee, artista inglesa que morou muitos anos no Rio de Janeiro e dedicou grande parte de sua carreira à ilustração botânica da flora brasileira.

Neste mesmo ano, o grupo das Bordadeiras Poéticas de Paraty lança o livro Retratos em Fios de Linha, com ilustrações de Marcus Figueiredo, resultado da exposição Linhas e Letras do ano anterior.

6ª EDIÇÃO 2016

LOCAL: SESC

40 OBRAS EXPOSTAS

Numa profusão de pontos, linhas e cores, o concurso Bordados Poéticos de 2016 homenageou os artistas paratienses Júlio Paraty, João José e Themilton Tavares, além de referenciar a arte NAIF do Brasil e do mundo. Correalizada, a partir de então, definitivamente com o Sesc Paraty, a exposição teve um texto escrito por Beatriz Milhazes e bordado pelas Bordadeiras Poéticas de Paraty, além da presença e exposição de obras da artista têxtil peruana Ana Tereza Barbosa.



PARATY: RIQUEZA AMBIENTAL SE REFLETE NA CULTURA E NA DIVERSIDADE DA CIDADE.

cidade, que possui um calendário cultural singular, marcado por grandes eventos como a Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, e o festival de fotografia Paraty em Foco. Composta por uma população de povos indígenas, caiçaras e quilombolas, além de preservar tradições e influências europeias, “Paraty é uma cidade que pulsa cultura, com um público daqui curioso e ávido por essas experiências e que consegue pegar o novo e decantar com algo que seja significativo para sua vivência e seu território”, comenta o gestor do Sesc Paraty, Daniel Ferenczi.

Para Daniel, é isso que faz de Paraty uma cidade cosmopolita mesmo com apenas 40 mil habitantes. Uma população formada por comunidades tradicionais e pessoas do mundo inteiro que escolheram viver no local. “O povo nativo daqui tem muita abertura para o novo, o que torna esse território muito rico. As edições dos Bordados Poéticos reúnem essas características locais e, por meio de uma técnica tradicional, vão ao encontro de memória afetiva, além de oferecem essa abertura ao novo.” Segundo o gestor, é esse tipo de abordagem que faz com que o tempo da exposição já tenha sido prorrogado algumas

7ª EDIÇÃO 2017

LOCAL: SESC

55 OBRAS EXPOSTAS

Em 2017, o Bordados Poéticos tem seu último ano como concurso e propõe como tema um mergulho no inconsciente dos participantes por meio do trabalho com imagens do tarô. A artista convidada é Mariana Guimarães, que além de apresentar o seu trabalho, O livro erótico do bordado, desenvolve a Cartografia das Emendas, recuperando a história das colchas de Paraty. Esse ano marca também a criação do Coletivo ConFio, composto por Nina Silva, Ariane Aguiar e Mariana Guimarães.

vezes com o passar dos anos. “Para os visitantes da cidade, principalmente no verão, é a chance de conhecer as raízes deste território em conversa com o contemporâneo.”

Fortemente influenciado pelo solo que habita, pelo menos seis dos temas propostos nas dez edições dos Bordados Poéticos tinham ligação direta com a cidade. Isso sem falar na relação intrínseca entre o texto e o têxtil, abordada recorrentemente pelo Coletivo ConFio e o grupo das Bordadeiras Poéticas na produção de ilustrações para livros, homenagens a poetas e também a autores. Para a artista Marcela Carvalho, nada disso é à toa, já que o fio da iniciativa enreda prática e metaforicamente Paraty. Para ela, os Bordados Poéticos são fio-palavra, fio-tecido e fio-trama, unindo grupos e promovendo o bordado nas artes contemporâneas em uma linguagem estabelecida. “Um bordado presente numa cidade que já valoriza as letras, tem seu centro histórico, sua qualidade de encontro, uma cidade que era das letras e tinha que ser também dos fios”, reflete.

No entanto, o projeto não acaba em Paraty – na verdade, ele começa. Desde 2018, Mariana Guimarães faz a curadoria

RELAÇÃO ENTRE O TEXTO E O TÊXTIL É ABORDADA RECORRENTEMENTE PELO COLETIVO CONFIO E PELO GRUPO DAS BORDADEIRAS POÉTICAS.

8ª EDIÇÃO 2018

30 OBRAS EXPOSTAS

LOCAL: SESC

Em sua oitava edição, o concurso Bordados Poéticos se transforma em uma mostra e propõe como tema de reflexão o Fio-Percurso: território, a cartografia e os caminhos partilhados por cada um em suas trajetórias pessoais e coletivas. Para composição da programação da mostra, o Sesc passa a desenvolver uma série de ações sistemáticas como oficinas, imersões artísticas e vivências que culminam, além da mostra, no trabalho desenvolvido pelas Bordadeiras Poéticas, Marcela Carvalho e Coletivo BordAzul (AL), além de uma mesa de reflexões sobre o bordado como mediador do cuidado de si.



de um programa de imersão e intercâmbio entre coletivos e artistas. “Meu papel é criar diálogos para além da cidade de Paraty.” Há 20 anos na universidade pesquisando o fio, Mariana busca propor discussões que não fiquem só na linguagem, mas que dialoguem com os campos com os quais o bordado faz fronteira, como a clínica, a educação e a arte contemporânea e, assim, criar discussões teóricas, filosóficas, sociais, políticas e históricas a partir do bordado. “Em 2019 foi o ano que pude atuar com mais profundidade no projeto. Em 2020, a ideia era dar continuidade às práticas de descolonização, investigar e demonstrar como o fio promove a emancipação de grupos marginais. Parafraseando João Cabral de Melo Neto, pensar em uma educação pelo fio.”

RAIZ: O ANTICORPO DO CORPO

Ao contrário do que se pensa no senso comum, a raiz não é o que há de mais original em uma planta, já que cresce simultaneamente ao germe. Como o avesso de um bordado, ela inverte de maneira especular, ponto por ponto, tudo que o outro corpo ou – fio de cima – faz. Assim, comemoram-se as raízes – ou um avesso firme



...e leve-se

Obra do grupo das Bordadeiras Poéticas com o artista Marcus Figueiredo. Móbile composto de 50 bastidores com bordados em seda pura com fios dourados e brancos. Paraty, 2019.

9ª EDIÇÃO 2019

LOCAL: SESC

30 OBRAS EXPOSTAS

Inspirada pelos pássaros da Mata Atlântica que acolhem a histórica cidade de Paraty, o tema de investigação da Mostra Bordados Poéticos 2019 foi **Asas, fios e sonhos: para onde me levam?**. Ao longo do ano, o Coletivo ConFio e o Sesc Paraty apresentaram uma programação com diversas ações formativas, além de um seminário para a promoção do diálogo do bordado com campos afins, com fala de abertura da artista

Edith e performances de Simone Morais e Alexandre Hebert. As Bordadeiras Poética apresentaram a obra **... e leve-se**, criada em parceria com Marcus Figueiredo; e vivenciaram processos de intercâmbio com as Bordadeiras de Passira (PE) e com as Bordadeiras da Praia do Sono, em Paraty.



10ª EDIÇÃO 2020

56 OBRAS EXPOSTAS

LOCAL: SESC

Em 2020, o Bordados Poéticos completa dez anos de existência e tem como tema de reflexão **Raízes: tramas da criação**, inspirando o pensar sobre as conexões, origens e heranças. Por conta da pandemia da Covid-19 e precauções sanitárias, a mostra não foi realizada, mas será contemplada nesta publicação. As ações formativas programadas para o ano com Fabíola Trinca, Fernanda Macahiba e Laura Lígia foram adaptadas para plataformas digitais. Em uma decisão afetiva do Coletivo ConFio e do Sesc Paraty, todas as obras entregues ilustram as páginas desta revista.

AO LONGO DE UMA DÉCADA DE EXISTÊNCIA, MAIS DE 300 OBRAS FORAM PRODUZIDAS E EXPOSTAS EM PARATY.

Vós Sois Voz,
Aline Brant, 2020.

e robusto – gestadas em dez anos dos Bordados Poéticos, já que, em uma década de existência, produziram e expuseram 300 obras em Paraty.

Dezenas de artistas colaboraram e participaram das exposições, entre eles Beatriz Milhazes, que redigiu o texto de abertura da mostra em 2016, a artista têxtil peruana Ana Tereza Barboza, artista convidada do mesmo ano, Edith Derdyk, Teko Semente e Alexandre Herbert, que participaram da mostra de 2019, entre outros. Além disso, o Sesc promoveu uma série de trocas e intercâmbio entre coletivos, reunindo o grupo das Bordadeiras Poéticas (ver mais na página x) com as Bordadeiras da Praia do Sono (Paraty), Coletivo Bordazul (AL) e Bordadeiras de Passira (PE). Há anos, as mostras são compostas também por oficinas e workshops, como a “Cartografia das emendas”, desenvolvidos por Mariana Guimarães e Vanerar Moreira, que juntas, recuperaram e recontaram histórias das colchas de retalho de Paraty.

Por isso, mesmo em um ano pandêmico, a iniciativa não perde sua potên-

cia. Apesar de todos os desafios – crise sanitária, isolamento social e greve dos Correios –, 2020 foi um ano de abundância. Embora tenha sido a primeira vez em dez anos em que não houve exposição de forma física, o projeto comemorou seu maior número de inscrições (208) e de obras entregues (56), que são honradas – em um gesto de afeto – sendo integralmente expostas nesta publicação.

Em 2020, o mundo ficou sem ar. Não foi possível voar, então os Bordados Poéticos mergulharam no chão. Por baixo da terra, tramaram as redes possíveis e, como plantas, ao bordarem suas próprias raízes, viraram forma como todo o seu ser, marcando o fim e o recomeço. ■



AS BORDADEIRAS POÉTICAS DE PARATY





ROTINA DE ENCONTROS das Bordadeiras Poéticas, sempre regada a muita comida, bordados e boas conversas, pela primeira vez, em 2020, precisou ser desmarcada. Mas isso não significa que o grupo deixou de criar e movimentar tramas, muito pelo contrário. A pandemia exigiu uma nova forma de interação para as integrantes, que nunca haviam ficado tanto tempo sem se encontrar desde 2013, quando o grupo foi criado.

Há oito anos, as bordadeiras, que realizam trabalhos paralelos à mostra Bordados Poéticos, reuniram-se a partir de uma convocatória de Nina Silva. É que a pedagoga, desde que passou a realizar o concurso, não perde uma oportunidade de levar também a linguagem do bordado para seus projetos na educação. Querendo encontrar pessoas que colaborassem em um deles – sobre lendas de Paraty –, em 2013, Nina marcou um encontro no Morro do Forte com as bordadeiras que conhecia e pediu que cada uma delas levasse mais uma pessoa que soubesse bordar. Naquele dia, 24 mu-



Encontro das Bordadeiras Poéticas com as bordadeiras da Praia do Sono. Paraty, 2019.



Bordadeiras Poéticas e Bordadeiras da Praia do Sono. Paraty, 2019.



Iheres reuniram-se para bordar, ler, cantar e relembrar o passado e nunca mais pararam. Nem todas elas sabiam de fato bordar, mas da tarde daquele dia saíram do encontro com o grupo formado.

São mulheres – em sua maioria paratienses – que contam o dia a dia e a história da cidade por meio do trabalho manual e que atuam pelos bordados como um ato em comum, uma herança recebida das gerações anteriores. “Para elas, o bordado é terapia, empoderamento e felicidade traduzida nas cores e formas que a linha conduz no tecido”, diz Ariane, integrante do Coletivo ConFio.

“Em dezembro de 2012 me mudei de Salvador para Paraty. Trabalho com bordado e tapeçaria e assim que fiquei sabendo da terceira edição do concurso Bordados Poéticos, tentei participar. As inscrições já estavam fechadas, mas mesmo assim conheci Nina, que me convidou para fazer parte das Bordadeiras Poéticas”, conta Regina Bartilotti, artista têxtil que afirma que fazer parte do grupo faz

com que ela se sinta cada vez mais paratiana – mistura de baiana com paratiense.

Há também aquelas que estão há menos tempo no grupo, mas que, ainda assim, reconhecem o valor da troca intergeracional que encontram nesse espaço. Nathália Leal, de 27 anos, é a integrante mais nova do coletivo. Chamada de chaveirinho, Nathália conta que faz parte da quinta geração de mulheres que trabalham com fios em sua família e que, embora no começo tenha acreditado que não seguiria o mesmo caminho, hoje atua integralmente com a linguagem artística. “Tenho um grande carinho pelas Bordadeiras Poéticas, com elas eu tenho a oportunidade de conhecer outras perspectivas das mulheres que tecem. Sou muito grata a Nina por essa abertura de canais.”

Nina é mesmo a responsável por abrir e potencializar canais para o grupo. Marcos Figueiredo, colaborador de longa data do projeto Bordados Poéticos, e parceiro em vários trabalhos do coletivo, diz que a condução que a educadora dá ao grupo faz com que as bordadeiras da cidade saiam de uma zona de conforto. “Ela tem essa natureza de instigar as bordadeiras a olhar sempre além. Romper barreiras e os limites dados para se relacionarem com as artes plásticas e coletivos de outras partes do país.”

Essa é também umas das potências que Daniel Ferenczi, gestor do Sesc Paraty, enxerga no coletivo. “O grupo das bordadeiras começou majoritariamente com professoras que se reuniam para bordar, mas, com o passar dos anos, foi tomando outro corpo e ficando cada vez mais heterogêneo. Considero muito enriquecedor as trocas dentro do grupo ou entre coletivos, como foi feito com as bordadeiras de Maceió”, diz ele ao se referir à experiência Postais Cartografias do Afeto, intercâmbio



SÃO MULHERES - EM SUA MAIORIA PARATIENSES - QUE CONTAM O DIA A DIA E AS HISTÓRIA DA CIDADE ATRAVÉS DO TRABALHO MANUAL.



cultural promovido pelo Sesc entre as Bordadeiras Poéticas, da Baía de Paraty (RJ), e o Coletivo Bordazul, da praia do Riacho Doce (AL), apresentada ao público durante a mostra de 2018.

Neste mesmo ano, as Bordadeiras Poéticas apresentaram os bordados “Fios do Afeto” – feitos todos em sépia – com imagens, por elas selecionadas, de lugares do patrimônio histórico de Paraty. Além disso, as bordadeiras confeccionaram também, em parceria com a designer e contadora de histórias, Marcela Carvalho, a obra “Risco”, bordando o mapa de Paraty.

Aliás, Marcela lembra com carinho dessa e de outras vezes em que teve a oportunidade de trabalhar com o

grupo. Em 2014, as bordadeiras foram contempladas com um edital do Ponto de Leitura da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e realizaram, com o Coletivo Canoas, a já mencionada exposição Entre Linhas e Letras, que aconteceu na Casa de Cultura de Paraty e apresentou, além do trabalho das Bordadeiras Poéticas, as obras de Jaci Ferreira, Mariana Guimarães e Marcela Carvalho, todas relacionadas à Literatura. “Eu me lembro bem do texto de abertura, ele falava dessa intersecção das linhas e das letras que já era minha pesquisa na época e, principalmente, da tradição da narrativa oral e dos tecidos”, recorda-se Marcela.

Na ocasião, Mariana e Marcela foram igualmente responsáveis pela oficina “Cartografias do Afeto”, que realizou um mapeamento afetivo com as mulheres bordadeiras de Paraty, em uma ação artística que dialogava com a memória local. “Nós percorremos um caminho muito grande criando tranças, unindo fios e desenrolando um grande



Fotos: Mariana Lydia Bertoche



“Entre Linhas e Letras”, Casa de Cultura de Paraty, 2014.



Instalação bordada em ponto cruz na fachada do imóvel que sedia o Sesc Paraty.

HÁ OITO ANOS, AS BORDADEIRAS, QUE REALIZAM TRABALHOS PARALELOS À MOSTRA BORDADOS POÉTICOS, REUNIRAM-SE A PARTIR DE UMA CONVOCATÓRIA DE NINA SILVA.

carretel por todo centro histórico”, conta Mariana.

No ano seguinte, a exposição seria transformada no livro Retratos em Fio de Linha, primeiro de uma série de trabalhos realizados em parceria com Marcos Figueiredo, que inclui ainda dois livros de culinária, as ilustrações do livro infantil de Sandra Bozza, Fato como esse Só, cartas de tarô e o trabalho “...Leve-se”, apresentado na mostra Bordados Poéticos de 2019. “O ano de 2020, em especial, foi muito interessante, a Nina me trouxe o conceito de leveza, e nós desenvolvemos um trabalho de aves bordadas em seda branca, dispostos em bastidores que ficaram como se estivessem flutuando como móveis dentro da sala. Nós temos essa dinâmica, de forma geral as ajudo a trazer para o concreto a ideia do grupo”, comenta Marcos.

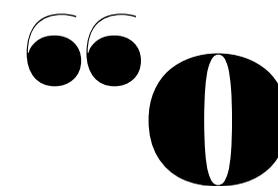
No entanto, é provável que o trabalho que mais represente a originalidade do grupo seja, até hoje, aquele que aconteceu na primeira exposição correalizada com o Sesc. Em 2014, como parte integrante da exposição Bordados Poéticos, o grupo fez uma intervenção na fachada do imóvel que sedia o Sesc Paraty, instalando placas bordadas em ponto cruz. A estampa bordada e aplicada na fachada foi resultado de uma elaboração artística a partir de elementos arquitetônicos da rua da Matriz. Foram bordados detalhes dos telhados, beirais, janelas, frisos, símbolos e fechaduras. Segundo Daniel, “ações como esta abrem para a comunidade a discussão de que não é preciso ter um suporte específico para o bordado acontecer, é possível bordar a própria cidade. Além de demonstrar a potência do trabalho do grupo”, finaliza. ■





BORDADURAS DO CONTEMPORÂNEO

Um olhar sobre o programa educativo da mostra Bordados Poéticos

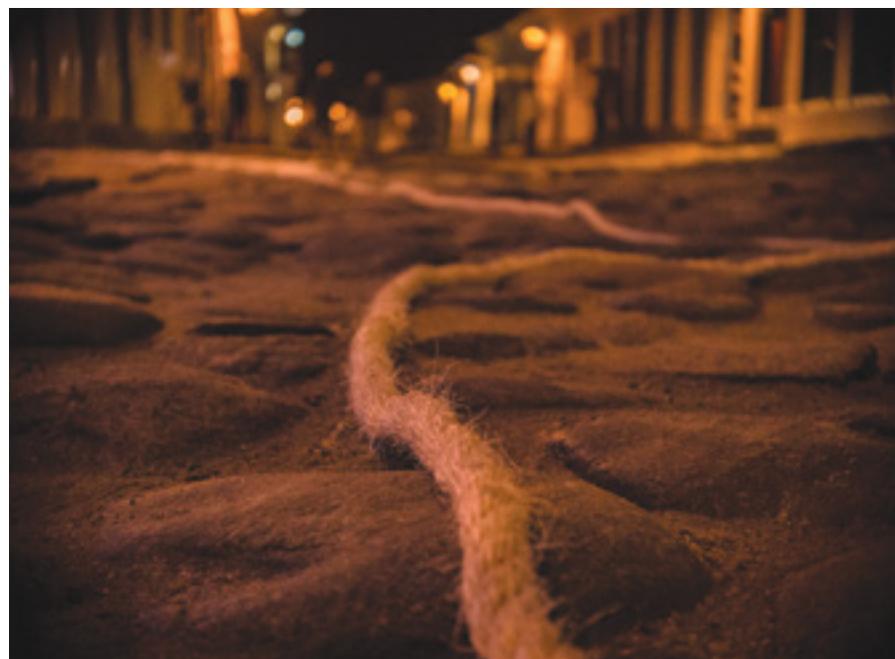


QUE É O BORDADO na contemporaneidade?” Essa é a pergunta que move Mariana Guimarães, integrante do Coletivo ConFio e curadora do programa educativo da mostra Bordados Poéticos. Desde 2018, a artista é responsável por tecer o fio que liga o bordado de Paraty a narrativas da bordadura contemporânea.

Entusiasta do Bordados Poéticos, Mariana é uma colaboradora de longa data do projeto. Foi jurada por diversas vezes – durante o período em que a mostra ainda era um concurso –, oficinaira e artista participante. Aliás, foi com a sinergia criada em 2017, quando foi artista convidada da mostra, que o coletivo foi criado. “A Mariana deu outro nível para a mostra, a vinda dela trouxe um salto de qualidade para o grupo”, conta Nina Silva.

O programa educativo, que conta com oficinas, seminário, performances e parceria entre a Secretaria de Educação do município e o grupo das Bordadeiras Poéticas, tem por objetivo fomentar as ações culturais do território, ao mesmo tempo em que promove ao público local diferentes experiências e referências. “O programa educativo nos dá a possibilidade de dar ao bordado outras formas, além de mostrar como a técnica pode ser ilimitada e ir muito além da prática”, declara Daniel Ferenczi, gestor do Sesc Paraty. Embora as ações sistemáticas já fizessem parte da prática do Sesc, o gestor destaca que a chegada de Mariana contribuiu para um olhar contemporâneo da técnica. “A Mariana trouxe essa potência do feminino, das discussões sociais e o bordado como forma de expressão.”

Para Antonio Garcia Couto, analista de artes visuais do Sesc, a mostra já faz parte do calendário cultural de Paraty e gera grande expectativa no público da cidade: “A semana de abertura da exposição é um momento de grande celebração de uma produção de abrangência nacional e até internacional”. Isso porque é nesta semana que se concentra também um período de imersão em tudo que diz respeito ao bordar, quando acontecem oficinas, mesas e performances. Atividades que oferecem, por si só, uma série de vivências complementares à mostra que, para Marcela Carvalho, são ações que demonstram a potência dos Bordados Poéticos tecido por várias mãos: “O projeto tem muita força desde o começo, mas ele ganhou um novo corpo quando o Sesc abraçou a iniciativa e, junto à Nina, Mariana e Ariane, começou a costurar também esse Bordados Poéticos do encontro, que pode durar um ano, com a eternidade do fio”.



E foi tramando redes – que não se esgotam apenas no campo da linguagem – que Mariana Guimarães passou a propor ações que dialogassem com os campos com os quais o bordado faz fronteira, como a clínica. Em 2018, uma das convidadas para compor a mesa “Fio-percurso: Reflexões sobre o bordado como mediador de práticas de cuidado e construção de si” foi a psiquiatra e mestra em Psicologia clínica, Gabriela Serfaty, que apresentou seu trabalho sobre a relação da mulher com o mito grego de Ariadne e o bordar a partir do abandono, experiência da qual ela se recorda com carinho. “Foi um convite muito interessante. Não sou uma bordadeira, mas acho que o pensamento é uma forma de bordar também, né?”, reflete.

Apesar de estar fora de seu ambiente habitual, a psiquiatra relata que nunca sua

Programa Educativo: intenção é fomentar as ações culturais do território, ao mesmo tempo em que promove ao público local diferentes experiências e referências.



fala havia ecoado tanto quanto ecoou naquele espaço. “Aconteceu algo muito emocionante, uma das mulheres da plateia começou a bater palma no meio da minha fala, e isso nunca tinha acontecido. Ela ficou muito tocada com o que eu apresentei, foi um dos encontros mais bonitos que tive”, lembra. Gabriela destaca, ainda, a potência do encontro entre mundos aparentemente tão distintos. “As bordadeiras não conheciam o mito grego, elas estão ali na prática, mas se conectaram muito com a minha fala. Foi um encontro muito feminino e potente, uma espécie de catarse, e saí de lá muito expandida.”

Outra inovação que Mariana trouxe para a mostra foram as performances. Alexandre Heberte, que acabou assumindo a execução da performance “Nó”, idealizada por Simone Moraes, e realizada na abertura dos Bordados Poéticos em 2019, relata o que sentiu no processo. “Quase chegando em Paraty fiquei sabendo que a Simone havia tido um problema e não poderia realizar a performance inicial. Assumi, então, a missão de desenrolar um grande novelo de lã na abertura da mostra, às 17h30, abraçando uma praça inteira do centro histórico da cidade, honrando o trabalho de outra artista. E ali já senti a força do bordado de vários lugares do Brasil”, relata ele.

No dia seguinte, o artista ocupou o mesmo espaço com a performance “Tear humano”. “Foi muito simbólico estar com 60 pessoas, em círculo, falando da história da tecelagem manual, do meu trabalho e convidando todos a tornarem-se tecido humano.” Para ele, o mais impressionante da mostra é a capacidade de estar intimamente ligada à energia ancestral do tecer, mas sem estagnar, propondo sempre movimentos de renovação. “É uma iniciativa



que demonstra a inteligência criativa do bordado e reflete, nas obras e no espírito das pessoas presentes, um encantamento coletivo sobre o que o fio é capaz.”

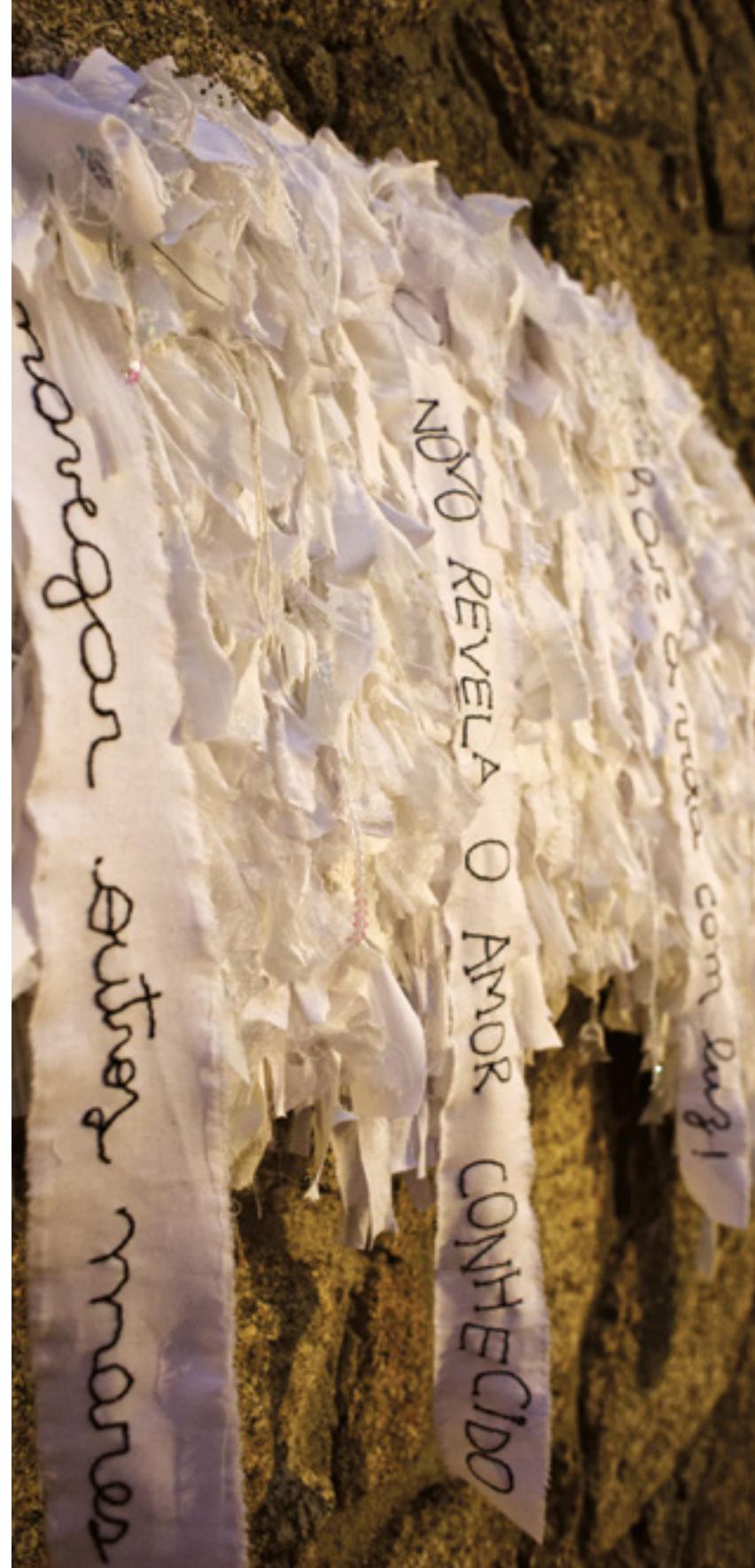
PARATY, A CIDADE DO BORDADO

O artista Vinicius Azevedo, um dos convidados da mesa “Fios – Asas – Expansão”, que compôs o Seminário de 2019, ficou admirado com a qualificação da audiência. “Eram pesquisadoras, bordadeiras, educadoras, pessoas que estão pensando em todas as questões do bordado, e todo mundo participando ativamente.” Fato que, para o artista, se deve à própria cidade. “O encontro com as bordadeiras foi

riquíssimo, porque Paraty já é, há algum tempo, um lugar de referência de bordado, existem muitos ateliês e gente bordando. Já na cidade grande, parece que o bordado é algo extraterrestre, e ali todo mundo conhece a linguagem ou trabalha de alguma forma com isso”, observa.

Vinicius tem razão. O trabalho com bordado transborda pelas ruas de Paraty. Não à toa, uma das oficinas na mostra de 2019 foi com o artista Teko Semente, proprietário de um ateliê na cidade com o mesmo nome. Paratiense, conhecido por seu Vestido Poema, projeto que costura roupas a partir do reaproveitamento de tecidos que iriam para o lixo, ele usa suas criações como suporte

Tramando redes: Mariana Guimarães passou a propor ações que dialogassem com os campos com os quais o bordado faz fronteira, como a clínica.



para bordados de poemas e ministrou, na ocasião, a oficina “Bordando Sonhos”. Com enfoque na palavra e expressão, Teko convidou os participantes a construírem peças que remetessem à magia, além de fantasias, poesia e asas, temas daquele ano.

Foi também vivenciando esse clima de poesia que o artista e pesquisador em culturas populares Itaercio Rocha conduziu a oficina “Bordando Memórias e Recordações”, de bordado com canutilhos e miçangas em veludo, brincadeiras e canções. “Esse encontro de bordados de Paraty é uma preciosidade, uma coisa deliciosa.” Para Itaercio, o cenário que abriga a iniciativa deixa de fato tudo muito poético e destaca o evento como o grande encontro do bordado brasileiro. “Lá encontrei pessoas do Ceará, do interior de Pernambuco, de Minas Gerais, figuras importantes do bordado contemporâneo, do desbordado, uma experiência que me trouxe outro olhar para minha própria prática.”

No entanto, o que mais o tocou foi ministrar uma oficina para bordadeiras da cidade e ter a oportunidade de conhecer a relação do território com a linguagem. “Foi uma oficina muito feliz, porque eram bordadeiras de Paraty, e tive uma ideia do que aquele evento representava para a cidade. Ouvi depoimentos de mulheres que estão vivendo de coletivos de bordado, que se reúnem para bordar e discutir essas questões”, conta o artista, que foi o responsável também por encerrar o evento conduzindo uma ciranda. “Tudo foi muito forte, aquele encontro ainda ressoa em mim.”

PARA ONDE AS ASAS NOS LEVAM?

Como curadora do programa educativo da mostra Bordados Poéticos, Mariana

Guimarães convida todos a pensarem por onde o fio pode levar, o que ele pode construir, que rumos e novas possibilidades apresenta, como pode ir além da materialidade e somar para a expansão do ser. E foi pensando no fio por esse viés de anúncio, que a artista e educadora apresentou o seminário de 2019 como uma cartografia de forças.

Já na abertura, com a mesa “Encontro – Quando os fios são asas”, a artista Edith Derdyk compartilhou seu processo de trabalho com o fio, na ideia de extensão da linha no espaço, e destacou a oportunidade de ter espaço para falar em uma mostra envolvendo artesãs, bordadeiras e pessoas que trabalham com tecelagem. “Foi muito bonito ver que uma coisa pode desaguar na outra, criando uma margem mais porosa entre um fazer tão ancestral e atávico como o ato de bordar, e o uso do fio em instalações dentro da cena contemporânea. É o transbordamento de um saber para o outro, criando uma terceira margem.”

Dulce Lysyj, artista visual e médica nefrologista, que fez parte da primeira mesa “Arte – Fio – Contemporâneo”, apresentou seu trabalho artístico decorrente de inquietações de sua prática como médica: da percepção do outro, da dor que ultrapassa a física e desdobramentos como afeto, memória e alteridade, transbordando essas inquietações em desenhos, tramas de costura, fotografias e poesias. “Quantos sonhos e pesadelos os bordados testemunham? Bordar é performar! Bordar é transpassar o tecido, a agulha perfura, vai ao ar e perfura novamente. Um ciclo como o da vida, com dores e alegrias. Na biologia, tecido é uma formação de vários tipos de células organizadas, em arranjos peculiares, para

Abertura do Seminário da XIX Mostra Bordados Poéticos. Mesa “Encontro – Quando os fios são asas”, com a artista Edith Derdyk.

Abaixo: Lúcia Firmino e Laís Domingues do projeto “Bordando o Feminino”.



constituir um órgão. O tecido humano é invisível, assim como as mãos humanas que tecem a arte e a medicina para buscar uma linguagem comum própria dessas vivências”, analisa.

Outra artista e terapeuta que participou da mesa com Dulce foi Maíra Gerstner, que desenvolve um trabalho terapêutico na iniciativa Fios do Ser. Sua atuação tem base nos saberes deixados pela artista Lygia Clark – em especial nos trabalhos “Baba antropofágica” e “Rede elástica” –, no psicoterapeuta Bert Hellinger e sua dimensão sistêmica, e no filósofo da diferença, Gilles Deleuze e suas linhas de fuga, todos tangenciando a dimensão conceitual do fio.

No evento, Maíra reconheceu não só ter compartilhado conhecimento, mas compreendido sua trajetória. “Naqueles dias entendi onde o bordado está na minha história. Tive uma avó bordadeira que não me deixou esse legado, mas per-



cebi que resgato esse saber ontológico no meu trabalho fronteiriço entre a arte e a clínica. Produzir um fio que se conecta ao produzir pensamento”, reflete. Para a artista, o grande valor da mostra está em tirar o bordado de um lugar dado: “Lembro muito de uma pessoa da plateia, uma mulher moradora de Paraty que se apresentou e disse que fazia perucas com cabelo natural e tinha ido ali para ver se alguém bordava com cabelo. Estavam ali pessoas não só interessadas na técnica, mas pessoas interessadas na filosofia do fio. E até hoje reverbera em mim pensar o trabalho do fio assim, como uma filosofia”.

Maíra também lembra com carinho do encontro que teve com o trabalho das bordadeiras de Passira (PE). “O trabalho da Laís, de dona Lúcia, foi uma coisa que me marcou, me trouxe outra percepção do feminino.” A terapeuta se refere à artista pernambucana Laís Domingues e a bordadeira de Passira, Lúcia Firmino, que participaram da mostra pouco tempo depois da finalização do processo de imersão realizado pelo projeto Bordando o Feminino – que resultou na criação de uma coleção e uma exposição com retratos das artesãs bordadas.

“O meu tempo de residência e moradia em Passira tinha acabado há pouco tempo e fiquei extremamente feliz com o convite. Foi uma forma bonita de olhar para todo o processo que a gente tinha acabado de viver enquanto grupo, um trabalho bastante intenso, de muitos meses de convivência diária”, conta Laís.

A bordadeira Lúcia Firmino também sentiu-se contemplada com o convite. Representante das bordadeiras de Passira, a artesã afirma que fios e agulhas muitas vezes fazem o papel da voz. “Existem coisas

que não sabemos soltar na voz, mas nas mãos sim. Mostramos o que somos e toda a beleza que a gente vê através dos fios.”

BORDADEIRAS POÉTICAS DE PARATY E VIVÊNCIAS

Homônimas da mostra e representantes do bordado paratiense, o grupo das Bordadeiras Poéticas convida, há três anos, os estudantes e educadores do ensino público do município de Paraty para imersões na técnica. Os encontros têm como objetivo o diálogo entre as artesãs e a educação formal, bem como a proposição de vivências que tenham como foco a construção da reflexão a partir do tema proposto na mostra. “Esta é certamente uma das ações que agregam muito ao calendário cultural da cidade, tornando-o ainda mais rico”, reconhece Antonio Garcia Couto. Desde 2017, a iniciativa já contemplou cerca de 1500 alunos, totalizando, aproximadamente, 300 horas de imersão.

Além disso, nos últimos anos, o grupo tem vivenciado também experiências de intercâmbio com outros grupos de mulheres bordadeiras. Como em 2018, com o grupo de Alagoas, Bordazul, e em 2019, com as bordadeiras da Praia do Sono, grupo caiçara da cidade de Paraty.

ADAPTAÇÕES PARA 2020

Com o sucesso das ações educativas, os planos para 2020 eram de expansão. No entanto, um ano epidêmico e atípico pediu adaptações. Algumas das atividades programadas para a comemoração dos dez anos da mostra precisaram ser canceladas, como o segundo seminário, a participação e performance da artista Sonia Gomes, e as propostas das Bordadeiras Poéticas com os alunos do município.



Itaercio Rocha conduziu a ciranda de encerramento da XIX Mostra Bordados Poéticos.

Readequadas ao ambiente virtual, aconteceram três oficinas: a “Biographemos”, com a artista e educadora prof. dra. Fernanda Macahiba, que teve como proposta a discussão sobre percepções e conceitos acerca de imagens, cenário esse em que os participantes foram desafiados para criações de arte e narrativas literárias por meio de jogos e reflexões; a “Herbário Ordinário”, com a artista Laura Lydia, que cultivou um encontro afetivo, sensível e estético com as plantas que habitavam os mesmos espaços que os participantes, por meio de um mapeamento dessas plantas com desenhos, anotações e amostras; e a oficina de tingimento natural “Wasted Food” ou “Sobras de Comida”, com Fabíola Trinca, que teve por objetivo propiciar um reencontro com as matérias primas tintórias presentes na cozinha e nos nossos alimentos e que, por hábitos automatizados, muitas vezes são descartadas ao serem classificadas como lixo.

“Para o Studio Trinca, receber o convite de entrar na teia do projeto Bordados Poéticos por meio da querida Mariana Guimarães foi exercitar a tecitura da rede do fazer manual, mesmo em um ano de pandemia, e reafirmar a potência do ser casa em nós, desmistificando o doméstico do profissional, e valorizando as experiências no ambiente de afeto, cuidado e acolhimento do nosso lar, nosso corpo e de nós mesmos. Foi transcender um momento de desânimo, criando novas perspectivas a partir do fio”, comenta Fabíola. ■

BORDADOS POÉTICOS EM NÚMEROS

Em cinco anos de parceria entre o Sesc Paraty e o coletivo ConFio, mais de **15 mil** pessoas visitaram as mostras Bordados Poéticos e, pelo Programa Educativo, foram realizadas **20 oficinas** - com **542 participantes**, totalizando **60 horas** de atividades. Ocorreram ainda duas performances, uma mesa de debate e um seminário, envolvendo mais **13 artistas** de diversas regiões do país. Em parceria com a Secretaria de Educação de Paraty foi realizado, entre 2017 e 2019, o programa de imersão com o grupo das Bordadeiras Poéticas, oferecido para educadores e estudantes do Ensino Infantil, Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos de escolas da rede pública para aproximadamente **70 grupos**, totalizando 300 horas e um público de **1500 alunos**.

2014

OFICINA DE BORDADO
COM MATIZES DUMONT:
OLHARES SOBRE OS QUINTAIS
DE PARATY - ANGELA
DUMONT E ANDREA BONI

RODA - OFICINA DE
DESENHOS PARA BORDADO
- JOSÉ ANDREAS

RODA - OFICINA DE BORDADO
PARA CRIANÇAS - GRUPO
BORDADEIRAS POÉTICAS

2016

OFICINA COM A ARTISTA
TÊXTIL PERUANA ANA
TERESA BARBOZA

2017

PELAS TRAMAS DO
ERÓTICO E SAGRADO: O
QUE NÃO PODE FALTAR -
MARIANA GUIMARÃES

BORDADO E POESIA - GRUPO
BORDADEIRAS POÉTICAS

2018

ESTAMPARIA AFRICANA E
BORDADO SOBRE PANO DE
JUTA - ELOÍSA MARQUES
E PEDRO JOÃO CURY

CARTOGRAFIA DA EMENDA -
REFLETINDO O TERRITÓRIO
- MARIANA GUIMARÃES
E VANEAR MOREIRA

BORDADOS - FIO-PERCURSO -
GRUPO BORDADOS POÉTICOS

NARRAÇÃO DE HISTÓRIA -
CONTOS DO FIO - MARCELA
CARVALHO MESA - FIO
PERCURSO: REFLEXÕES
SOBRE O BORDADO COMO
MEDIADOR DE PRÁTICAS DE
CUIDADO E CONSTRUÇÃO
DE SI, COMO IZABELA PUCU,
GABRIELA SERFATY, MARIANA
GUIMARÃES E NINA SILVA

2019

ENCANTO E SEGREDO DAS AVES - BETE CANELA

DESENHO COM FIO - O PROCESSO CRIATIVO
DO BORDADO - MARCELA FERNANDES

SONHOS BORDADOS - TEKO SEMENTE

DIÁLOGOS BORDADOS EM PARATY - PRAIA
DO SONO - BORDADEIRAS POÉTICAS

OFICINA BORDANDO MEMÓRIAS E
RECORDAÇÕES - ITAERCIO ROCHA

CIRANDA DE ENCERRAMENTO - ITAERCIO ROCHA

SEMINÁRIO

MESA - ARTE - FIO - CONTEMPORÂNEO,
COM MÁIRA GERTNER, EVANGELO GASOS,
DULCE LYSYJ, MARIANA GUIMARÃES

MESA - FIO - ASAS - EXPANSÃO, COM DIANA
KOLKER, VINICIUS AZEVEDO, FLAVIA BONFIM,
LAIS DOMINGUES, LUCIA FIRMINO, NINA SILVA

PERFORMANCE

PERFORMANCE - NÓ - SIMONE
MORAIS / ALEXANDRE HEBERTE

PERFORMANCE - TEAR HUMANO
- ALEXANDRE HEBERTE





CARTOGRAFIA DAS EMENDAS

Um olhar sobre as colchas
de retalhos de Paraty

N

A PRIMEIRA VEZ QUE FOI À PARATY para o concurso Bordados Poéticos, em 2013, Mariana Guimarães hospedou-se na casa de Vanear Moreira, educadora e integrante do grupo das Bordadeiras Poéticas. Artesã desde a infância, Vanear é uma exímia costureira, apaixonada por bonecas de pano e uma das poucas mulheres da cidade a preservar um tradicional ofício local, a feitura de emendas. Por isso, cinco anos depois, na mostra Bordados Poéticos de 2018, foi Vanear que Mariana escolheu para acompanhá-la na oficina “Cartografia das emendas – um olhar sobre as colchas de retalhos de Paraty”, uma das ações formativas daquele ano.

Colcha de retalhos feita durante o programa de imersão da mostra Bordados Poéticos de 2018. Durante cinco dias de oficina, 12 participantes emendaram 15 m² de tecido.



Fazia anos que Mariana frequentava a cidade, buscava, mas não encontrava um dos artesanatos típicos de Paraty: as colchas de retalho. Pesquisadora do fio, a artista buscava, em suas andanças, a peça vista no livro Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século XX, de Lélia Coelho Frota, que traz a imagem de uma colcha remendada acompanhada da pequena sinopse “Colcha de retalhos ‘Quilt’ Dec. 70 1970s, Parati”. “Na minha imaginação, por conta do livro, existiam essas colchas de retalho em Paraty, mas não encontrava mais, só ouvia falar. Por isso, comecei a pesquisar, fui à biblioteca da cidade e propus a oficina ao Sesc”, con-

ta. Para a artista, cartografar as emendas da cidade era realizar um mapeamento afetivo do fazer e das histórias tradicionais dessa prática, que estavam atreladas às histórias do lugar.

Mais do que a história das colchas, Mariana queria cartografar a memória das mulheres cujas mães e avós, ou elas mesmas, faziam da emenda um ofício, assim como Vanear. Isso porque, apesar do artefato ter sido muito comum na cidade nas décadas de 1970 e 1980, feito e vendido por mulheres caiçaras para o sustento da casa e dos filhos, as colchas ganharam projeção nacional atreladas ao nome de José Murilo, cujo um dos trabalhos faz

Oficina “Cartografia das emendas - um olhar sobre as colchas de retalhos de Paraty”, ministrada por Mariana Guimarães. Paraty, 2018.



parte da exposição permanente do Memorial da América Latina, em São Paulo.

Proprietário do armazém A Preferida, localizado na esquina de uma das principais ruas do Centro Histórico de Paraty, o comerciante ficou famoso na cidade – e fora dela – por usar os retalhos que sobravam de seu estabelecimento para costurar as colchas, e dizem que assim, com a boa venda que fazia das peças, garantia o dinheiro das férias. Uma história que representa um velho padrão patriarcal da sociedade, a valorização e exaltação dos homens que praticam ofícios tipicamente anônimos e subvalorizados por serem considerados femininos.

Por isso, para contar o lado das mulheres, das muitas outras mãos que emendaram esses pedaços de tecido, Mariana e Vanear fizeram uma convocatória para cartografar a memória das paratienses, cujas histórias eram conectadas por essas linhas. “No Brasil, os trabalhos relacionados a linha e a agulha sempre foram realizados pelas mulheres, claro que com uma distinção de acordo com a classe social. A mulher brasileira começou seu processo de emancipação fazendo para fora o que ela fazia dentro, lavando roupa para fora, cozinhando para fora, costurando para fora, mas dentro de casa”, descreve Mariana.

Colcha de retalhos:
instalação simbólica
ficou exposta no
Sesc Paraty durante
a mostra de 2018.





Colchas de retalhos:
cartografar as emendas
da cidade para realizar
um mapeamento
afetivo do fazer e das
histórias tradicionais.

Foram convidadas para imersão costureiras tradicionais, o historiador Diuner Mello e o ex-prefeito de Paraty, Zé Claudio de Araújo. Apareceram também muitos rostos e mãos jovens querendo fazer parte do movimento. “Os retalhinhos nos ensinaram sobre multiplicidade, ritmo, diálogo, reinvenção de mundos, criação de novos territórios e desterritórios. O trabalho que começa na casa e expande-se para a rua”, lembra Mariana. Juntos, e a muitas mãos, costuraram uma grande colcha de retalhos, instalação simbólica que ficou exposta no Sesc de Paraty durante a mostra de 2018.

No entanto, aquilo que ficou de mais bonito foram as tramas descritas entre aqueles tecidos e linhas: aquelas da mãe que cobria o fogão todos os dias com um pano bordado em ponto cruz bem miudinho, das bonecas de pano feitas às escondidas com roupas combinando, da avó que fazia retalhinhos, do filho em um braço e uma colcha na outra mão, da emenda que não era arte, mas necessidade, da mulher que costura com pressa, e às vezes torto, para cuidar do menino, das emendas do cuidar, do invisível. As histórias de todo mundo. ■



RAÍZES TRAMAS DA CRIAÇÃO

O tema de reflexão e pesquisa da 10ª edição da mostra Bordados Poéticos no ano de 2020 nos inspirou a pensar sobre as conexões, origens e heranças no decorrer desse ano de grandes desafios e dificuldades. Um ano que revelou o seu avesso, e nos fez refletir sobre a grande rede em que vivemos e que entrelaça todos os seres humanos e não humanos do planeta.

RAÍZES QUE NOS SERVEM como meio de fixação ao solo, às ideias, aos diálogos e aos aprofundamentos, além de promoverem sentidos e nos interligarem com o todo que compõe a floresta e com nossa própria história. Histórias de nossa terra, dos povos originários, vínculos ancestrais.

Conexões com os ciclos de vida, morte e renascimento. Aquilo que herdamos e o que desejamos construir como herança – nossos frutos e sementes. O que constitui nosso porvir no mundo.

O bordado nos permite a construção de novas narrativas poéticas e nos possibilita a criação e a ligação com o todo que nos constitui, afinal, é ferramenta de transformação e transmissão.

O fio nos convoca a pensá-lo não apenas como materialidade e técnica, mas em um sentido biológico, que parte do ancestral, da estruturação da vida e da própria linguagem.

Um elemento que nos permite a compreensão e o acesso a uma realidade ampliada. Permite ver e falar simultaneamente o avesso e direito do bordado, mas sobretudo o entre, o não dito, a imaterialidade, o que nos conecta com o sagrado, com o orgânico e com as nossas linhagens.

Conectadas a essas transmissões, conexões em redes visíveis e invisíveis, neste ano de 2020, o Coletivo ConFio e o Sesc Paraty optaram por incluir todos os 56 trabalhos enviados para participarem do processo de curadoria e escolha para integrarem a mostra. A decisão deu-se pelo entendimento coletivo de que, por meio desse gesto, pudéssemos abraçar todas e todos, neste momento de urgência de encontros, de abraços, de pequenas e singelas ações em um mundo enfatiado, repleto de dúvidas e muita solidão.

Os trabalhos serão apresentados em uma publicação em formato impresso e digital, comemorativa aos 10 anos da mostra Bordados Poéticos. Nestas páginas, apresentamos os rastros, as origens e as raízes de cada um que participou e participa ao compor uma trama criativa e polifônica que nos possibilita traçar estratégias para invenção de novas redes, outros modos de existência, além de bordar um futuro tecido a partir da continuidade desta trama – e que aponte para as diferenças. ■



10ª Mostra

BORDADOS POÉTICOS

2020 | RAÍZES: TRAMAS DA CRIAÇÃO



PÉS DESCALÇOS

Vera Lúcia Campos de Faria



PACHAMAMA - RAÍZES

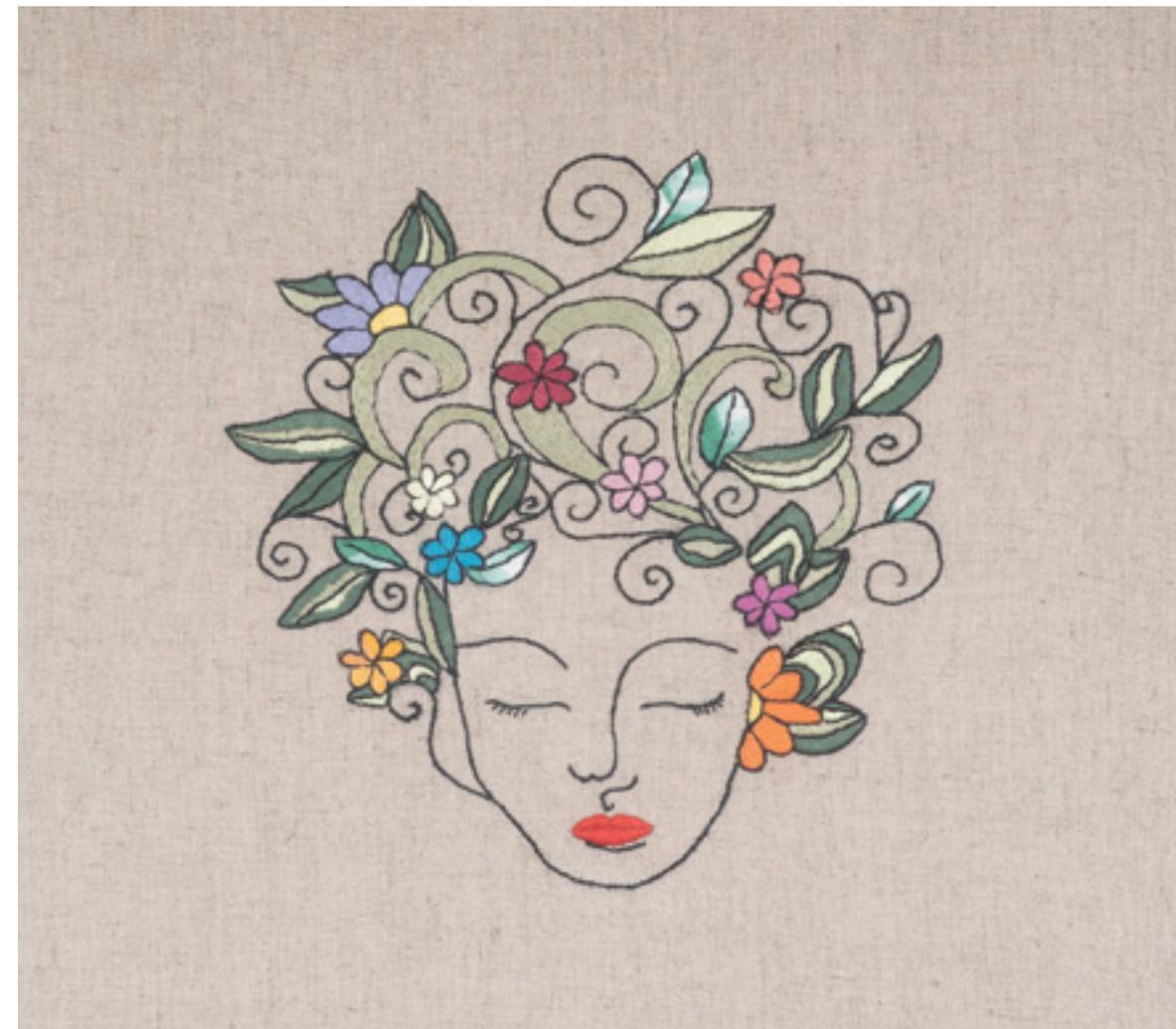
Angela Adelaide Lucena



IDENTIDADES
Grupo Vidas Entrelaçadas



MOVIMIENTO
Patricia Verónica Saporiti



LA MAGIA DE LAS RAÍCES / A MAGIA DAS RAÍZES

Delia Ester Dubroff

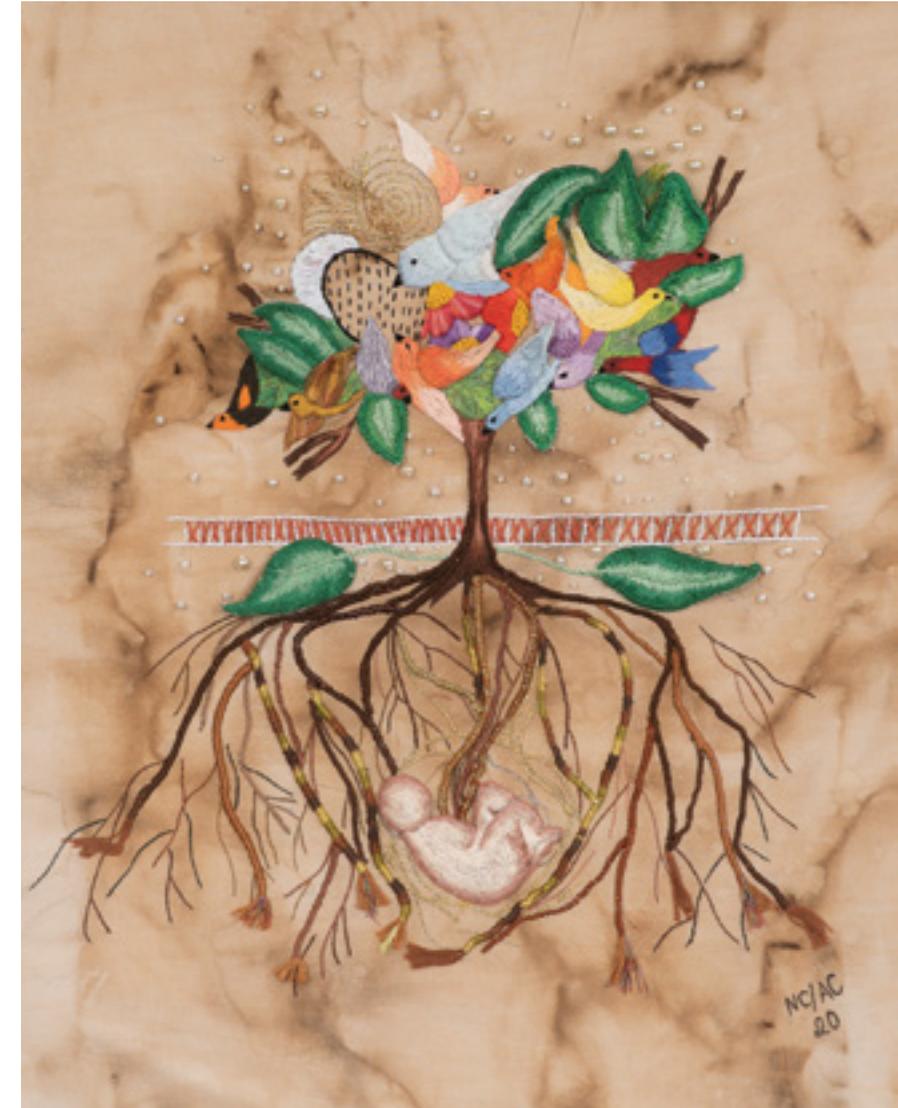
RAÍZES DOS MEUS SONHOS

Maria da Graça da Conceição



BORDANDO LEMBRANÇAS

Ismênia Alves Pereira



GERANDO RAÍZES

Ângela Augusta Santos Carvalho



PAU BRASIL

Andréa Márcia de Oliveira Gomes



MINHA ÁRVORE DA VIDA

Maria Dolores Ripoll Tavares Leite



VIDA!
Regina Kutka



SEMENTE
Fernanda Amorim Souza



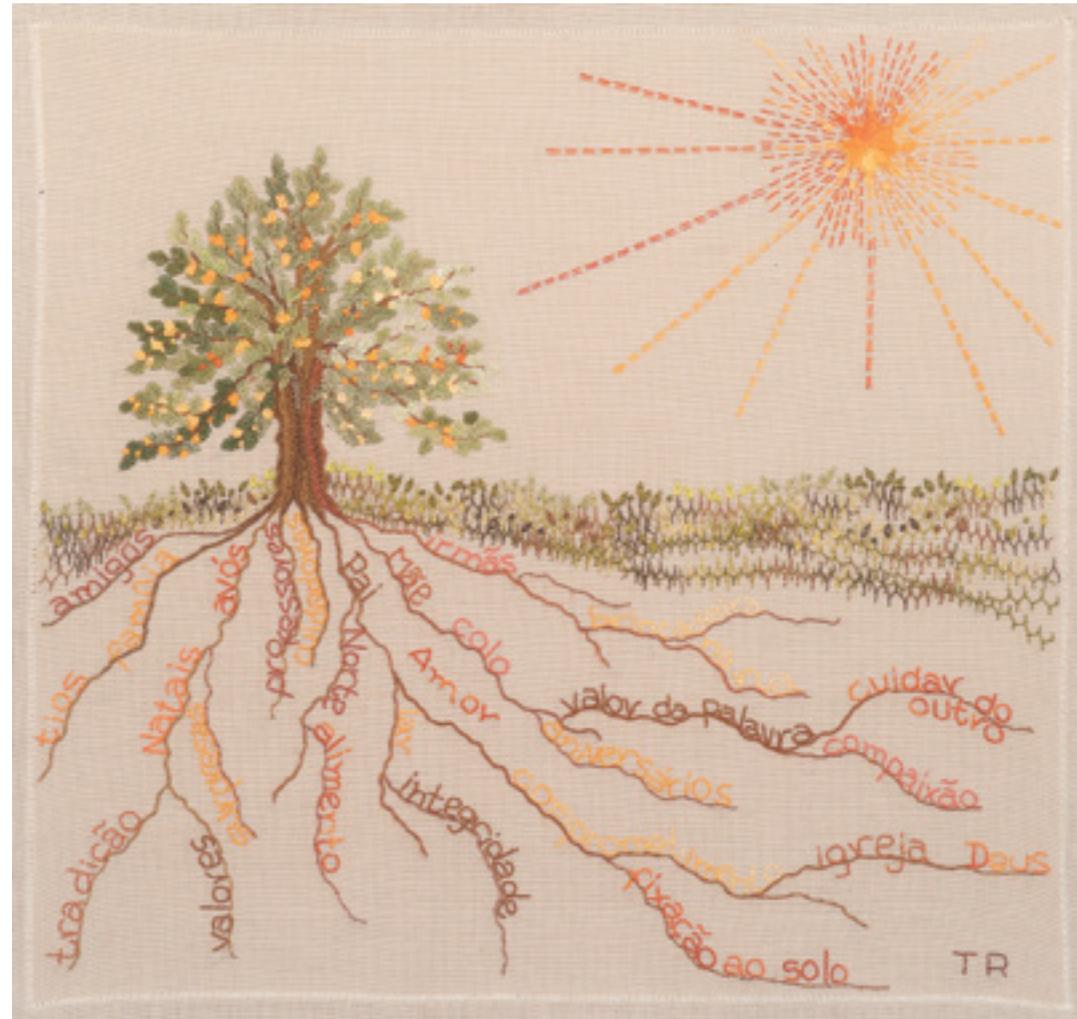
DONEC SED QUAM ORCI

Lúcia Beatriz Mello Alessio



DNA INDÍGENA

Darlene Cristina da Maia Baixo



RAÍZES PROFUNDAS
Talita Araújo Martins Ribeiro



QUOD SUPERIUS. QUOD INFERIUS
Vânia Borelli



RAÍZES

Miriam de Souza Oliveira

HUMBERTO E NARA

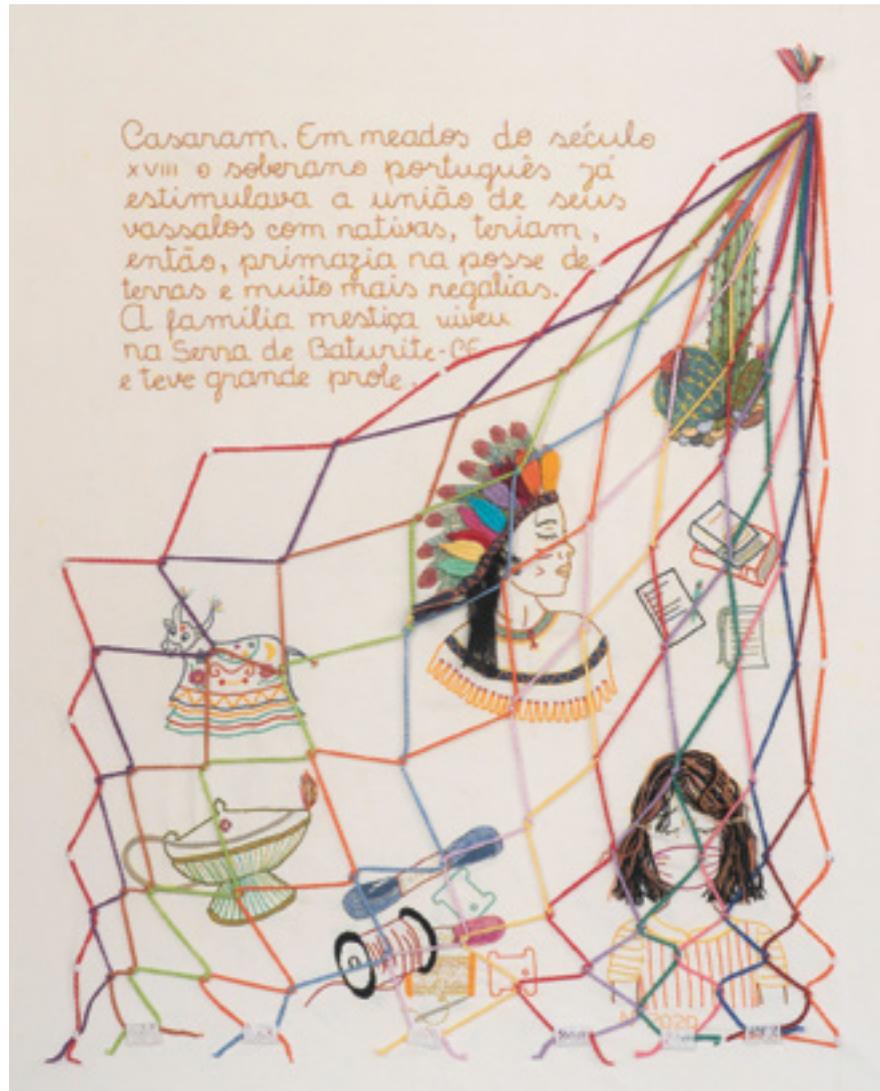
Adriane Helena Rodrigues



RAÍZES E FLORES, FLORES E RAÍZES
Cibele Gueresi Mello



TRAMAS DO TEMPO
Maria Lucia Santana Correa



DEVIR
Nazaré Fraga



SOU, SOMOS, UNO.
Expedita Maria de Almeida Ricarte



RATOEIRA BEM CANTADA

Maria Cristina Fernandes Faria



FLORESTA OU DESERTO?

Maria Edna de Almeida Sgavioli



SINTA SUAS RAÍZES
Márcia Coelho de oliveira



RETRATO
Rochele Beatriz



ANCESTRAIS - AS RAÍZES
Sonali Mariluci Ferreira Faraco



RAÍZES
Graziela de Matteo



MINHA TERRA TEM PALMEIRAS

Maria Helena Gonçalves



MULHERES, DIFERENTES E IGUAIS

Jany Trancoso Cardoso



RASTROS DOS SONHOS
Eneida Soares de Macedo



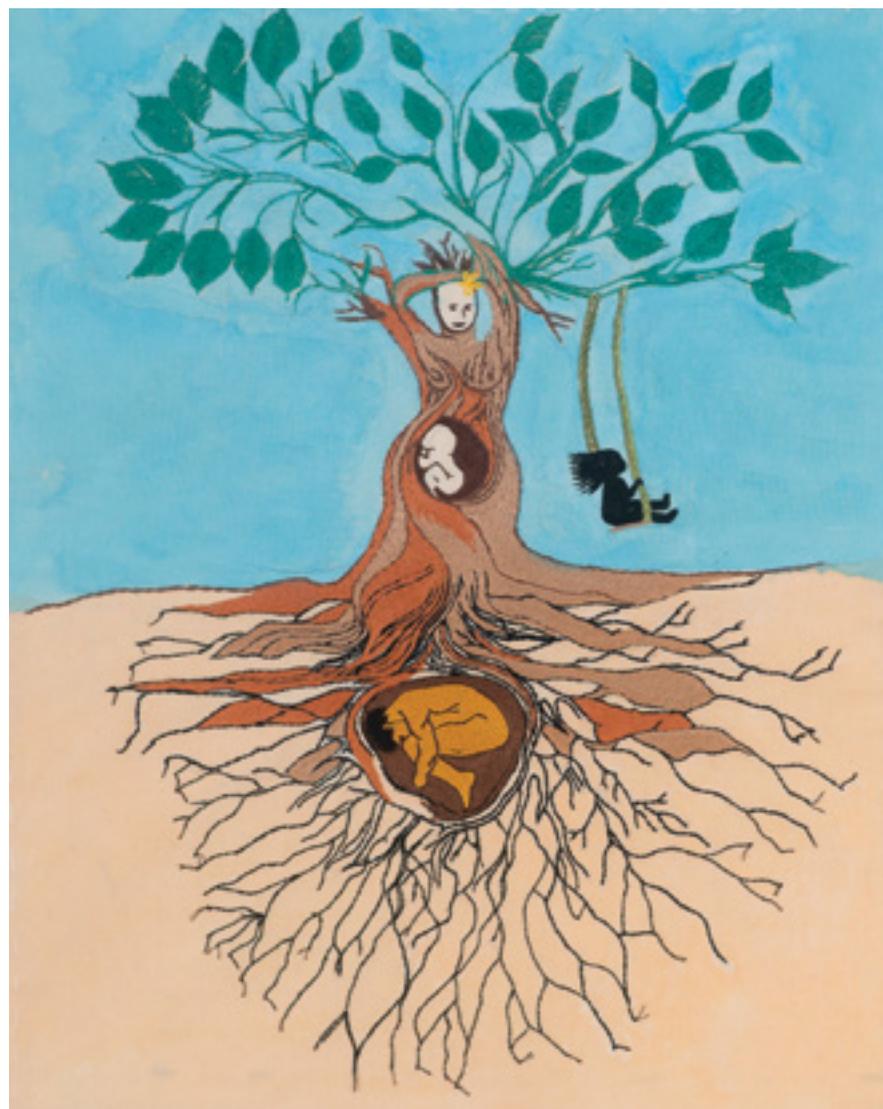
NANÃ
Carmen Dolores Kuntz Almeida



PLANETA TERRA
Elenice Maria Raimundo



FAMÍLIA/RAÍZES
Magda Vania Crema Silva



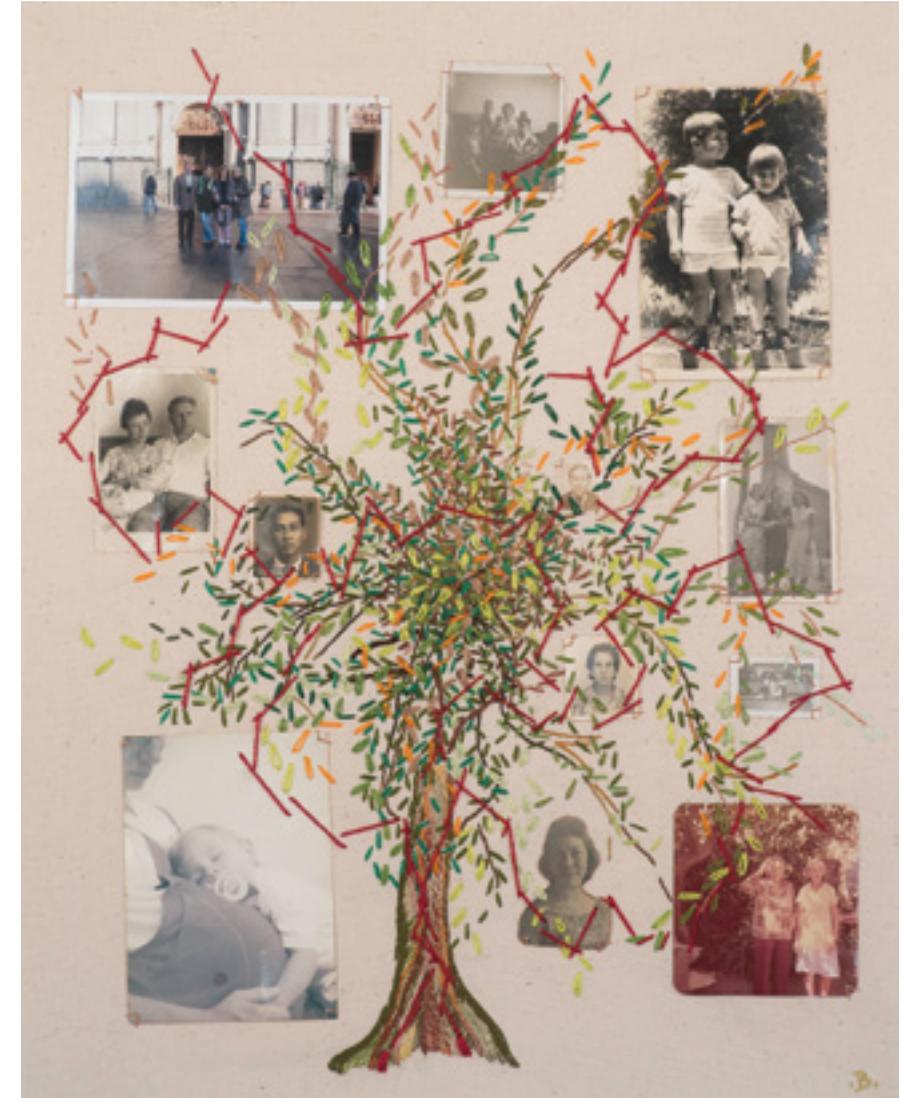
ÁRVORE DA VIDA, RAÍZES ANCESTRAIS

Marcia Maria Rodrigues de Freitas



METANOIA

Kátia Regina Ferreira Coelho



FIANDEIRA

Isadora Falcão Valença

A NATUREZA DO FIO

Elizabeth Poubel Grieco



ENTRERAIZLAÇADOS

Fernanda Silva Queiroz



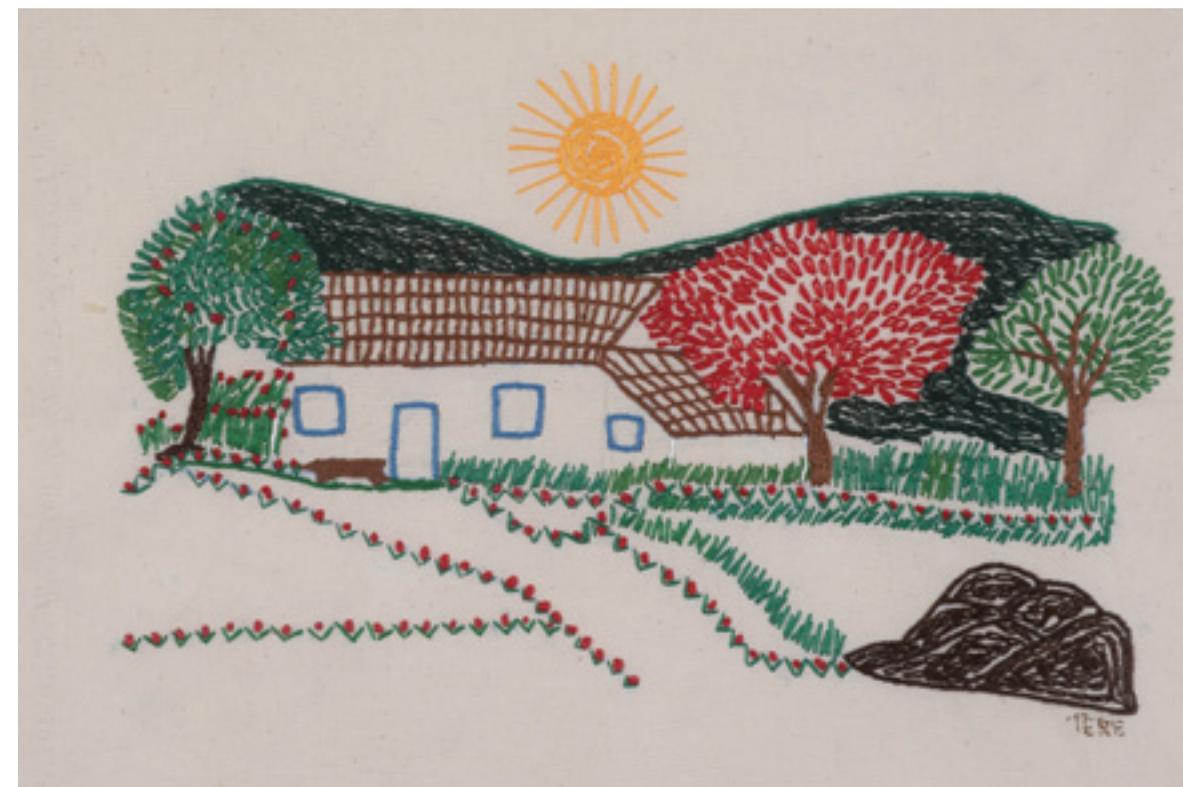
POR UM FIO

Rosimary de Freitas Bakir



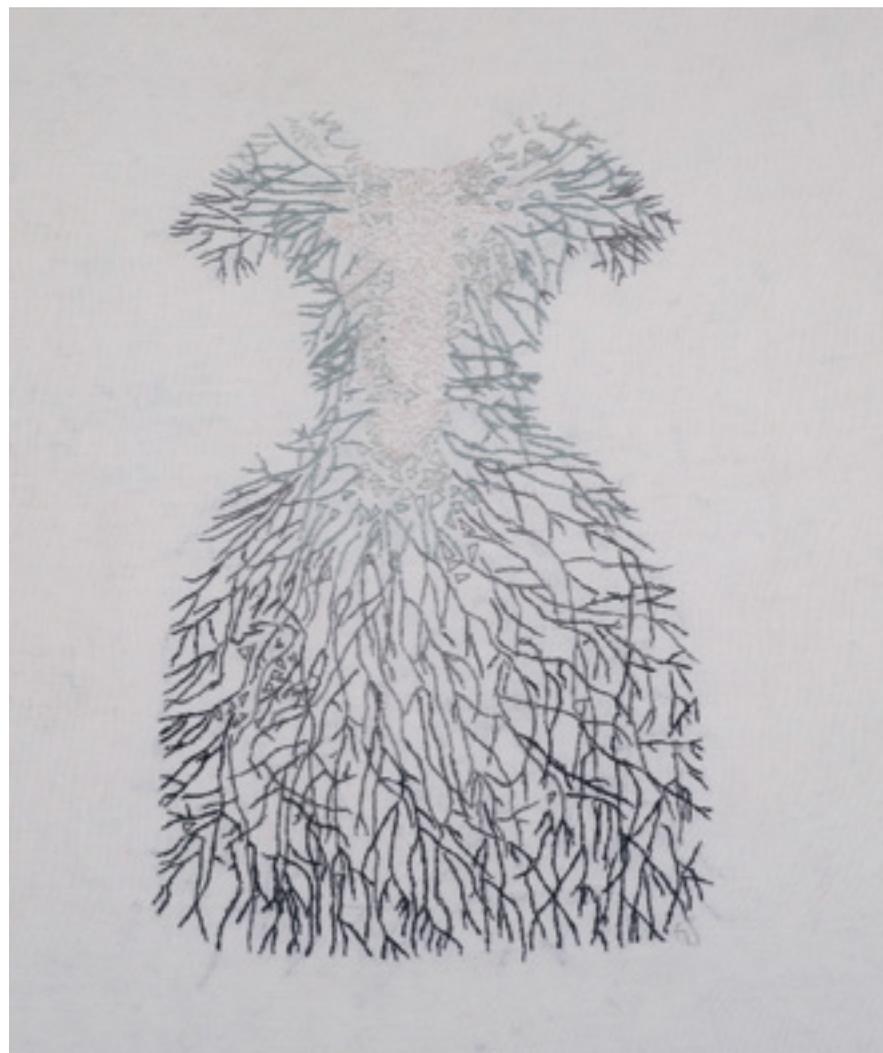
COLO

Márcia Christina Delgado de Campos



A CASA DA VOVÓ

Terezinha Delci Falsarella



RAÍZ(C)ES
Giuli Sommantico



IMIGRAÇÃO
Juliana Naufel (Naufss)



VÓS SOIS VOZ

Aline Brant



FETOS DE ESPERANÇA

Silvia Zanatta Da Ros



REFÚGIO RADICAL
Christina Cupertino



O QUE CULTIVO SÃO MINHAS RAÍZES
Carolina Kuwabata



GAIA (frente)

Regina Lúcia Barbosa Bartilotti



GAIA (avesso)

Regina Lúcia Barbosa Bartilotti



ELA

Ana Terezinha da Silva Nunes



PALAVRAS ATRAVÉS DO TEMPO

Thaís Larizzatti Maia



ABRAÇO UMA ÁRVORE

Regina Hong Koim

ABRAÇO UMA ÁRVORE

Regina Hong Koim



MÃE DE SANTO
Carolina Saidenberg



RAÍZES FORTES
Mirta da Cunha Souza





seSC